



Assembléia Constituinte do Estado do Paraná

COMISSÃO DA ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL

ATA DA 13ª REUNIÃO ORDINÁRIA

Aos dezenove dias do mês de abril do ano de hum mil novecentos e oitenta e nove, no Auditório Luiz Gabriel Sampaio, reuniu-se a Comissão Temática da Ordem Econômica e Social, sob a Presidência do Senhor Deputado Constituinte Rafael Greca de Macedo, com a presença dos Senhores Deputados membros da Comissão. Havendo número legal, o Senhor Presidente declarou aberto os trabalhos da presente Reunião de Audiência com o tema relativo ao ÍNDIO. O Senhor Deputado Relator Haroldo Ferreira, esclareceu que esta Reunião de Audiência, apesar de ser realizada após a entrega do Anteprojeto desta Comissão, o qual tem um Capítulo referente ao Índio, não ficará desapercibido. Os trabalhos continuarão em nova fase, na Comissão Constitucional, onde haverão discussões e poderá, inclusive, ser modificado o texto do referido Capítulo. A presente Reunião de Audiência, contou com a presença dos seguintes convidados palestristas: Prof^a. Cecília Maria Vieira Helm, Antropóloga da Universidade Federal do Paraná, representando o Magnífico Reitor desta Instituição, bem como o Secretário da Cultura, Dr. René Dotti; Dr. Carlos Frederico Marès de Souza Filho, Ex-Presidente da Fundação Cultural de Curitiba e Procurador do Estado do Paraná; Dr. José João de Oliveira, Sociólogo da FUNAI; Dra. Kimie Tomazine representando o Magnífico Reitor da Universidade Estadual de Londrina; - Dr. Batisteli, Superintendente da FUNAI da Região Sul do Estado do Paraná; Dr. Carlos Severo; Sr. Lúcio Flores, Índio Terena; Sr. Pedro Cornélio, Presidente do Conselho Indígena de Guarapuava; Sr. Vereador Mario Camilo; Sra. Inair, representando a Casa Latino Americana; Prof. José Lombardi, representando a Universidade Estadual de Maringá; Dr. Paulo Cordeiro, Médico da FUNAI; Sr. Darci Pires de Lima e Sra. Marina. Em seguida, o Senhor Presidente passou a Presidência à Senhora Deputada Irondi Pugliesi, a qual, declarou aberto os debates. Ao final dos debates, o Senhor Batisteli, Superintendente da FUNAI, agradeceu a esta Comissão, por ter promovido este encontro das nações indígenas, em seu Dia, e também, a possibilidade da FUNAI manifestar-se em defesa dos Índios do Estado do Paraná, junto à Assembléia Constituinte Estadual. Todos os pronunciamentos desta reunião encontram-se em notas taquigráficas traduzidas, que passam a fazer parte integrante desta Ata. Em seguida, a Senhora Deputada Irondi Pugliesi agradeceu a presença de todos e a contribuição prestada



Assembléia Constituinte do Estado do Paraná

à Assembléia Constituinte Estadual. Nada mais havendo a tratar, a Senhora Presidente declarou encerrado os trabalhos da presente reunião, da - qual, para constar, eu José Olimpio S. Macedo, Secretário, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo Senhor Presidente e por mim, para que se produza os efeitos legais.--.--.--.--.--

DEPUTADO RAFAEL GRECA DE MACEDO

Presidente

José Olimlio S. Macedo

Secretário

19.04.89-ircc

C. Ord. Econ. e Soc.

1

O SR. RAFAEL GRECA - Em primeiro lugar quero fazer alguns esclarecimentos. Esta Comissão de Ordem Econômica e Social, da Assembléia Estadual Constituinte, já se reuniu em diversas ocasiões para fazer painéis sobre temas específicos que vão ser contemplados no texto da Constituição Estadual. Acontece que a reunião sobre o problema do Índio só está acontecendo hoje depois ~~de~~ já está concluído o texto preliminar da nossa Comissão, do nosso relatório para a Assembléia Estadual Constituinte. Mas vale lembrar aos senhores e às senhoras que o texto da Constituição Federal tem um valor todo especial em cima do que nós decidimos aqui. Então só o que poderíamos fazer, talvez, é dar uma aperfeiçoada no texto da Constituição Federal, talvez na redação, mas esta Assembléia e o próprio Estado do Paraná, por fazer parte da Federação brasileira, já estão comprometidos com os direitos dos Índios no que diz ~~res-~~
~~peito~~ a Constituição Federal nos seu Art. 231, com seus 7 parágrafos e no Art. 232.

O Paraná tem as seguintes reservas: a de Faxinal, no Município de Cândido de Abreu, com 2.022 hectares, com 183 índios Caingangues; a reserva de Ivaí, no Município de Manoel Ribas, com 7.300 hectares e uma população de 706 Caingangues; a reserva de Guarapuava, com 16.839 hectares e uma população de 508 Caingangues; a reserva do Rio da Areia, no Município de Inácio Martins, com 390 hectares e uma população de ⁶¹~~70~~ índios Caingangues e Guaranis; a reserva do Rio das Cobras, em Laranjeiras do Sul, com uma área de 231 hectares e uma população de 155 índios Ava-Guaranis; a reserva de Mangueirinha, em Guarapuava, com uma área de 16.375 hec., observando-se que a maior parte das terras está em litígio, e uma população de 1.543 índios das raças: Caingangue e Guarani; reserva do ~~(P)~~ LOTE DO Vitorino, ~~situada~~ de situação fundiária e notificada com 24 hec., ~~tenho~~ sem informação de população; a reserva das Quei-

FITA I- LADO A

19.04.89-ircc C. Ord. Econ. Soc. -2-
 madas em Ortigueira, com 3. 369 hec., e uma população de 320
 Caingangues; o total geral da superfície da reserva é de 65
 mil hec., dos quais 45.448 hec. são demarcados pelo Serviço
 de Proteção ao Índio; a reserva de Apucarani, com 509 Cai-
 gangues, em uma área de 5.547 hec.; a reserva de Laranjinha
 em Santa Amélia, com 318 hec. e uma população de 207 habitantes
 da raça Guarani; a reserva de Pinhãozinho, em Tomazina, com uma
 área de ~~222~~⁵⁹³ hec. e uma população de 107 índios das raças Caiuá,
 Terena e Guarani; A reserva de Barão de Antonina, em São Jerô-
 nimo da Serra, com uma área demarcada de 3.751 hec e uma popu-
 lação de 356 Caingangues; e também uma outra reserva em São
 Jerônimo da Serna, com 11.575 hec para 4 novas reservas, e a
 reserva de Palmas, na fronteira do Paraná com Santa Catarina,
 com 2.944 hec ,com necessidade de aviventação e uma população
 de 460 índios Caingangues.

Tais dados publicados hoje numa página da editoria especial do Jornal "Folha de Londrina", eu os li para que os Anais da Assembléia registrem a atual situação das reservas paranaenses e também para que os debatedores, convidados pelo Poder Legislativo Estadual, os contestem, os referendem, os acrescentem, no sentido de que se informe esta Assembléia sobre a situação da nação indígena, dos povos indígenas no nosso Estado.

Na qualidade de Presidente desta Comissão -, acolho os debatedores, a Prof^a Cecília Maria Vieira^{HCLM} antropóloga da Universidade Federal do Estado do Paraná, que vem representando seu Departamento e também ao REitor da Universidade, como também ao Secretário de Cultura, Dr. Rene Dotti.

O Dr. Carlos Frederico Marés de Souza Filho, ex-Presidente da Fundação Cultural de Curitiba e Procurador do Estado do Paraná, que vem falar sobre o tema "Os Índios na Constituição".

19.04.89-ircc

C. Ord. Econ. Soc.

3

O Dr. José João de Oliveira, sociólogo da Funai.

E na seqüência terá a palavra o Superintendente da Funai, da Região Sul do Estado, Dr. Batisteli e as pessoas que queiram manifestar-se.

Temos a Dr^a Kimie Tomazine representando o Reitor de Londrina, Dr. Jorge Bonassar F^o.

Convido também o Dr. Carlos Severo, que vai apresentar propostas da Funai;

Sobretudo quero me dirigir aos Chefes de Lideranças Indígenas que estão nesta Casa.

Como percebem, a sociedade brasileira no texto da Constituição reconheceu os povos indígenas, a raiz da nação, da própria formação do nosso País.

Percebem também que temos aqui nesta sala uma cena de fogo do Conselho, talvez seja a evocação do nosso artista Poty Lazzarotto, artista de Curitiba, das primeiras assembléias do povo que se realizavam nas terras do Paraná. Os antecessores dos Deputados queriam os chefes indígenas na sua povoação primitiva.

Sejam bem-vindos a esta Casa na qualidade de lideranças de Nações e de Populações, recebam o apreço dos que somos Deputados, e que desejamos tenham os remanescentes dos povos indígenas do Paraná todo o respeito ^{em TODA A DIGNIDADE} em face da lei e em face da justiça.

Entendamos, os Deputados presentes temos que nos retirar momentaneamente para dar "quorum" para abertura da Sessão. E, depois, vamos ter que nos retirar uma outra vez para votar matéria de interesse do Funcionalismo Público do Estado, qual seja, a Mensagem do Senhor Governador, com Emenda de autoria da maioria dos Senhores Deputados, que faz uma correção salarial mais justa para o citado funcionalismo. Por isto, ^{por} ~~pelos~~ dois momentos, não poderemos ficar aqui na Presi-

19.04.89-ircc C. Ord. Econ. Soc.

4

Dência da Sessão. Não quer isso significar, de maneira nenhuma, desatenção dos três Deputados que estamos aqui e nem dos outros que tenho certeza estão com vontade de estar aqui para discutirem os problemas das Nações indígenas, mesmo porque nós vamos ler o que está sendo anotado.

Temos outros convidados aqui. O Sr. Lúcio Paiva, ^{INDÍGENA} Terena... seja bem-vindo. E o Sr. Pedro Cornélio, Presidente do Conselho indígena de Guarapuava.

Basicamente, ^{SENHORA} senhores representantes das nações indígenas aqui presentes, era isso que se propunha a este Deputado, Presidente da Comissão, fazer aqui, no sentido de acolhê-los a esta Casa.

Passo a palavra e a Presidência dos trabalhos à Professora Cecília Helm, pedindo que assuma uma suplência de Deputado Estadual por algum tempo até que possamos dar um "quorum" regimental para que a Sessão prossiga

19.04.89/OTM

O SR. RAFAEL GRECA - ... que a Sessão prossiga. A Senhora na qualidade de Suplente e por ser Dia do Índio, na qualidade de Cacique, ~~então~~ ^{TEM O} acesso aqui ao microfone.

A SRA. CECÍLIA HELM - COMO USAREI DA PALAVRA, PASSO A PRESIDÊNCIA AO SR. MDRÉS. O SR. PRESIDENTE (CARLOS FREDERICO MDRÉS DE SOUZA FILHO) - CONCEDE A PALAVRA À SRA. CECÍLIA HELM. ANTES PORÉM GOSTARIA QUE FIZESSE PARTE DA MESA O ÍNDIO VELEADOR MÁRIO CAMILO. A SRA. CECÍLIA HELM - Eu tenho imensa satisfação de estar aqui neste Plena

rinho da Assembléia, acho que, se não a primeira vez mas pelo menos bastante elucidativo. É importante a gente perceber que há uma significativa presença dos indígenas, que são o tema destes debates. Acho que o fato das Lideranças indígenas estarem aqui presentes, em muito irá contribuir para os debates, elucidar questões que muitas vezes o antropólogo, o jurista, o professor, o estudioso tem colocado, mas aquilo que os índios estão assumindo o seu papel dentro da sociedade nacional, provavelmente num futuro muito próximo, o Pedrinho e outros, estaremos aí no nosso lugar que deve ser aqui ^{na} frente e não na mesa, na situação do poder.

Então estamos aqui reunidos com intuito de contribuímos, não diria de melhorar, porque eu acho a Constituição Federal muito bem elaborada, nem de aperfeiçoar, mas sim de contribuir para que a nossa Estadual possa estar, senão tão boa, pelo menos nos moldes ^{COMO} ~~que~~ foi elaborada ^{A FEDERAL} ~~deve melhorar~~. A minha parte é mais falar na história do contato, tenho pesquisado os índios aqui do Sul, principalmente os Caingangues, vários anos, diria até duas décadas, e quase que já me considero parte dessa história, no sentido de que venho acompanhando e inicialmente ^{através de um} ~~em~~ projeto de pesquisa que foi elaborado como final até de um curso de especialização que eu tenho a nível nacional e depois ^{pelo} ~~por~~ interesse mesmo de conhecer o grupo ~~o~~ ÉTNICO DOS CAINGANGUES.

Hoje eu vou falar, a pedido da mesa, do contato dos Caingangues, dos ^{CHOCKEEN} (?), dos Guaranis aqui dos Estados do Sul, principalmente do Paraná, tanto no Litoral como no Interior nós encontramos esses índios.

As informações que eu tenho, coletadas dos boletins da Funai falam em torno de 20 mil índios nos Estados aqui do Sul e Sudeste, ^{PORQUE TANTO CAINGANGUES, CHOCKEEN E GUARANIS} ~~que~~ estão espalhados de São Paulo ao Rio Grande do Sul em postos indígenas. ^{COMO ACABOU DE MENCIONAR O DEPUTADO RAFAEL GRECA.}

Esses índios aqui do Sul fazem parte de um total maior, que aproximadamente no dia de hoje, 200 mil índios no Brasil pertencem a 150 grupos que falam aproximadamente 170 línguas indígenas. Esses dados são tanto da Literatura Antropológica ^{LINGÜÍSTICA} como também da Funai.

No Paraná nós temos índios dos grupos "G" e Tupi-Guarani, alguém poderia estar lembrando, de um passado muito recente ^{COM RESPEITO} ... ^{AOS ÍNDIOS XETÁS} ~~(Incompreensíveis)~~, descobertos por volta de 1950/4 os índios ^{XETÁS} já passaram para a história, porque foram índios dizimados ^{NÃO ESTOU INCLUINDO COMO ÍNDIOS DE HOJE ESSES DA FUNAI PORQUE ESQUECEU SE AINDA TEM} ~~os carijós que também~~ já foram exterminados, no século 18, foram vítimas dos avanços da nossa civilização, por todo Interior e Litoral do Paraná.

Como é que se processam essas relações ^{INTER ÉTNICAS} ~~ou~~ seja de contato entre o índio e como na literatura conhece pelo nome de brancos ou civilizados, são termos complicados de se usar, não há um consenso e não

19.04.89/OTM

não há um termo melhor também que pudesse chamá-los, prefiro até dizer índios e não-índios do que ficar com esses termos que não dizem muita coisa.

Há um contato hoje sistemático ^{com os elementos da sociedade nacional} nos Grupos Guarani e dos Caigangues estão aldeados por postos indígenas administrados hoje pela Fundação Nacional do Índio. Como é que são também rotulados esses índios aqui do Sul, esses índios são chamados aculturados e também são chamados integrados, quer dizer, eles estão em franco processo de aculturação, estão em contato direto, diário, cotidiano com elementos da nossa sociedade, tanto nas suas aldeias como em pontos ^{desta natureza} mas como todos os demais índios do Brasil eles têm a peculiaridade que se identificam e são identificados como índios, portanto, índios esse nome genérico que eu estou usando aqui serve para nós chamarmos todas as populações que vivem nos territórios tribais e tem um forte sentimento de pertinência, de pertencer a ^{se diferente dos demais não se incompreensível} ~~um grupo~~ dos outros que o cercam e quando vocês conversam com o Pedrinho, ^{*1 ou com qualquer um que esteja aqui} ele vai dizer eu sou índio, ^{índio Guarani} isto está muito presente para eles, como quando a gente conversa, alguém diz eu sou cigano, outro diz eu sou descendente de população negra, eu sou italiano, eu sou mexicano e os índios também tem esta conotação peculiar do grupo étnico Caigangue ou do grupo étnico Guarani.

Isso em contato com a sociedade nacional ^{em nada es} mureceu, diminuiu, aumentou ...

*1 PEDRINHO, OU COM QUALQUER UM QUE ESTEJA AQUI REPRESENTANDO HOJE, ELE USI ...

A SRA. CECÍLIA HELM ... diminuiu, aumentou, alguns momentos até faz
 recrudescer, momentos até de crise como aconteceu
 quando a negociata das terras de Mangueirinha, os índios se deram con-
 ta que aquelas terras estavam sendo incorporadas, vendidas e coloniza-
 das, um projeto de colonização, eles ~~entendiam~~^{SENTIAM}, inclusive ~~estavam~~^{QUE} amea-
 çados de perda de território tribal, perda da Floresta de Araucária.
 E o que fizeram? Aqueles que estavam bem aculturados para usar aquela
 linguagem que eu vi o Antônio Euzébio utilizando, que é preciso dei-
 xar bem presente que são os donos legítimos daquelas terras, os habitan-
 tes originários daquelas terras e que ~~para~~^a eles... ~~(ininteligível)~~^{PERTENCEM AQUELAS RESERVAS, AQUELAS TERRE}. Então,
 o sentimento de pertencer^a de ser Kaigange, de ser Guarani, de ser in-
 dígena aflora mais.

Eu vou fazer uma comparação grosseira. ~~(ininteligível)~~^{MAS TENHO CERTEZA QUE}
~~alguns componentes da mesa~~ ~~morar~~^{mesmo} fora do Brasil. Eu ~~tive~~^{mesmo} uma experiência de 1 ano morando a
 na Cidade do México, quando nos encontramos com brasileiros, ou a gen-
 te ouve um samba, a gente volta àquele sentimento Platão (?). De repen-
 te amanhã você está e fica um pouco distante daquele contexto, mas há
 certos traços da nossa cultura que novamente nos fazem voltar a nos
 identificar.

É uma comparação grosseira porque os índios quando
 muito visitam os seus parentes em outras áreas. Mas quando a gente es-
 tá fora do contexto que mormente é aqui, alguma coisa que se fale, que
 vincule ao grupo que ele está, novamente volta à tona aquilo que eu di-
 go. Então, pertencer a, sentir-se índio, sentir-se pertencer à nação
 kaigange, sentir-se pertencer à nação guarani é um traço que permite a
 linguagem antropológica que nós falamos, são grupos étnicos, e eles di-
 zem: somos índios. Um índio, certa vez ~~queria~~^{eu} queria mais detalhes, ~~estava~~^{para}
~~estava~~^{ver se eu} compreendendo bem, eu achava que eles eram bastante. ~~estava~~^{SCULTURAS}
~~porque~~^e de repente todos se identificavam como índio. Mas me explica me-
 lhor, eu quero entender: a Senhora lá tem time de futebol? Tem. Aqui
 também tem time de futebol ~~com os índios vizinhos,~~^{GENTE JOGA AQUI} ~~e eles jogam com os mo-
 ços da serraria, eles formam um time e nós formamos um outro time. É~~^{OU ENTÃO JOGA COM}
 mais ou menos, quer dizer, tem o time dos kaiganges, tem o time dos gua-
 ranis, mas tem mais do que isso também. Eu estou colocando porque no fu-
 tebol o grupo se encontra e acaba a partida e vai para casa. E o grupo
 étnico tem uma organização que permite a continuidade do grupo, uma vi-
 da em comunidade.

Então, nesse sentido que nós entendemos o que é ser
 índio ou rotulamos ~~isso~~, são ~~isto~~ índios que se auto-afirmam como índios.

Como eu disse, a Fundação Nacional do Índio tem o con-
 trole e tem ~~a~~ tarefa de administrar os ~~postos~~^{POSTOS} indígenas ~~de Brasil~~^{ONDE ESTÁ}
~~dos os índios no Brasil como~~ ~~um todo e do Paraná em particular.~~
 Mas recentemente os índios têm algu-
 ma coisa além e mais do que a própria Fundação Nacional do Índio que

herdou os encargos do Serviço de Proteção aos Índios e os ~~encargos~~ ^{ENCARGOS} que herdou quando assumiu os aldeamentos nas missões e nas colônias militares.

Os índios em 1980, por força de uma série de circunstâncias que eu não vou entrar aqui em detalhes porque não é o tema da nossa discussão hoje, mas os índios perceberam como é importante ~~se~~ se organizarem. Nesta década muitos índios entenderam que conseguem fazer valer os seus direitos, conseguem sensibilizar as autoridades, conseguem ter assento em determinadas discussões, debates quando organizados. Então, a organização política dos indígenas se dá principalmente nesta década, e não se dá apenas no Brasil, mas se dá em toda a América, em toda a América do Sul principalmente, e é criado então, por iniciativa dos próprios índios a União das Nações Indígenas, que funciona como uma Associação que tem junto - não diria nem contra e nem a favor da Fundação Nacional do Índio -, mas junto com ela a defesa dos interesses dos índios e mais do que isso porque muitas vezes o interesse deste ou daquele grupo ou daquele índio que acha que está sendo prejudicado. Então, ela vai tomar atitudes, tomar providências no sentido de que possa ~~xxxx~~ ser feita a defesa ou da sua tribo ^{ou} do índio que se sinta prejudicado. Este tema eu também não quero entrar em detalhes. Só quero dizer que graças a essa percepção política dos indígenas, eles conseguiram se organizar a tal ponto que quando às vésperas da Assembléia Nacional Constituinte, eles puderam levar reivindicações dos seus grupos, das suas comunidades, ^{de todos os seus irmãos,} mas que isso criou um espírito em todo o Brasil dentro das tribos, ~~xxxx~~ nas cidades ~~xxx~~, nos grandes centros, e principalmente em Brasília formando ^{"lobbies"} ~~lobbies~~ e formando também maneiras de fazer com que os elementos da sociedade nacional percebessem a importância de serem levados em conta os direitos e as aspirações dos indígenas. E o próprio "Programa Índio" que foi levado à Assembléia Nacional Constituinte, foi elaborado por iniciativa não apenas... ^{DA UNI} ~~iniciativa~~, mas principalmente da união das nações indígenas.

Voltando um pouco no tempo, como é que foi se dar aquele contato ^{QUE ELAS TINHAM INICIALMENTE E} ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ que se processou ^{ATÉ OS} ~~aos~~ dias de hoje entre índios e não-índios. Esse processo todo surge em consequência dos avanços das frentes de expansão da sociedade brasileira sobre os territórios tribais. Aqui no Paraná eu gostaria de citar até para fazer juz ao ^{HISTORIADOR, E PARENTE MUITO PRÓXIMO SEU E QUE COLABOROU BASTANTE,} ~~autor...~~ ^(inteligente) do professor Pinheiro Machado. As leituras dos trabalhos do professor ^{BRASIL} Pinheiro Machado já na década de 60 me ajudaram bastante a entender o contato entre índios e brancos, ^{ele} ~~ele~~ é um dos pesquisadores dos mais notáveis que nós temos aqui e que tem ^{UMA SÉRIE DE} ~~teses~~ escritas e que poderia ter muito mais pelo tempo que ele se dedica, mas conhece muito o problema. Então, todas as ve-

zes que eu tive ~~diversas~~ dúvidas, todas às vezes que eu precisei de mais livros, artigos especializados, eu sempre recorri à biblioteca do professor Brasil Pinheiro Machado no Departamento Histórico da Universidade Federal do Paraná.

E em um dos escritos do professor Brasil Pinheiro Machado nós vamos encontrar o período que ele retrata, a frente mineradora, como é que vai se dar o povoamento do Litoral e aqui nos campos de Curitiba, Ponta Grossa, Guarapuava, Palmas, como é que vai acontecendo inicialmente essa frente mineradora que atinge os índios e que inicialmente escraviza os índios, os torna cativos; e hoje relendo alguma coisa desses trabalhos, eu vejo que nós temos uma história agora, o Projeto Calha Norte, por exemplo, e algumas coisas que têm muito a ver com aquilo que já acontecia no período da mineração porque é uma frente que avança e quer colonizar, ela quer obter riquezas, traz riquezas, e vocês vão me dizer: sim, o momento histórico é outro, eu tenho a plena convicção...

Mas é uma frente que vai com aquela ânsia de ver, de explorar, de retirar do solo, do ~~subsolo~~ subsolo, todas as riquezas. E o índio era um entrave. Mas ao mesmo tempo que o índio foi um entrave, também acharam por bem escravizá-lo o quanto foi possível, - e é por isto que se dá o extermínio do índio Carijó.

E aqui em Curitiba, aqui se torna um entreposto entre aqueles que estavam passando e aqueles que vem para chegar aos campos, fazendas de criação, começando uma frente pastoril, a pecuária também começa em seguida e quase que ao mesmo tempo essa passagem por Curitiba, que é o entreposto de vendas dos que aqui chegam do Litoral e aqueles que passam. De Curitiba subiam em direção à Guarapuava, Palmas, Jaguaruaiva, Pirai do Sul, Ponta Grossa...

...pendência jurídica sem maior relevância na prática, mas uma pendência. Até agora, até aquele momento, ninguém sabia de quem era a propriedade das terras indígenas. Então os militares conseguiram esta solução. Eu acho que talvez os juristas solucionam isto dizendo que a terra é propriedade da União. Só que a União não pode fazer absolutamente nada com ela. É uma mera propriedade de papel, mas não é propriedade escrita. Então, continua valendo a posse.

Bom, isto resolveu...

fita 1 - lado B - folha 1 -

A SRA. ~~CECILIA~~ ^{HELEN}- Ponta Grossa, Palmas, Lapa, Rio Negro ~~7~~

que se constituem no caminho das ^{tropas} áreas, mas esse caminho das ^{trilhas} devemos ligá-lo àquela estrada do gado que vinha do Rio Grande até ^{as frentes de} Sorocaba, São Paulo. Por que eu estou falando dessa história da ocupação do Sul, da ocupação do Paraná. Por quê? Porque o Índio, ele entrava ^{COM} mão-de-obra escrava inicialmente e mais tarde também ~~como~~ a mão-de-obra que é utilizada para certas fazendas de fronteiras. Então, os colonizadores engajam a mão-de-obra indígena, a gente / tem também que olhar para o Norte, olhar para essas áreas do Brasil, / ^{AS COISAS ESTÃO ACONTECENDO} com a mesma visão de exploração que aconteciam ^{NO} século XVII, século / XVIII, século XIX, né! Então, a fazenda de ~~criação~~ ^{Recrutar} no século XVIII era a empresa principal, era a fazenda de ~~criação~~ e foi a fazenda ~~Recrutar~~ que permitiu a criação daqueles primeiros pontos, que hoje são cidades bastante importantes do Paraná; ~~o~~ Índio utilizado, o Índio explorado, o Índio vendo o seu território sendo ocupado.

Quando a frente pastoril se dirige para os campos de Guarapuava, o que que nos retrata ^{POR EXEMPLO} ~~é~~ o historiador Telemaco Borba, foi ^{UM DOS} ~~o~~ primeiros a escrever sobre os coroados, ainda não chama caigangues, nos trabalhos dele chama-se coroados, que é caso do arco, com respeito ao corte de cabelo. Esses coroados, eles eram Índios / que se rebelam, houve rebelião indígena contra a incursão dos seus ter ritórios, eles se opõem ao povoamento, eles guerreiam, pelejam com o / elemento invasor e a codificação que se criou lá em Guarapuava, ela é / até chamada de atalaia, ela sofre vários ataques indígenas. É novamente ~~o~~ artifício dos Índios civilizados é conseguir que alguns (inaudí vel)... se converta, passe a trabalhar junto com os povoadores e ~~faça~~ ~~faça~~ com que outros sejam também engajados. Isso cria em um determinado momento hostilidade entre as tribos, guerreiam Caigangues contra Caigangues, em Guarapuava e Palmas todos os caciques são Caiguiris, / eles levam os Índios a se anteporem, é uma tática Militar no sentido / de que alguns Índios são levados para os aldeamentos, ali treinados ~~pa~~ ra servir aos interesses dos povoadores e esses acabam contribuindo /

fita 1 - lado B - folha 2 -

A SRA... CECÍLIA HELM ... contribuindo para o povoamento desses campos, para que os territórios tribais comecem a ser reduzidos.

Bem, e também nesse período começa a exploração da erva-mate, o ciclo da erva-mate, novamente nos engenhos de erva-mate a utilização do braço indígena, várias fontes conta o número de Índios que colaboram nos engenhos, que acionam os engenhos com a força humana e só mais tarde é que vai se utilizar então a força hidráulica, a força a vapor. Bem, quanto à madeira, também a frente da nossa sociedade que vai explorar a madeira e que derruba a madeira, ^{seucá lia} por todo esse Paraná, essa frente invade os territórios dos indígenas. Mesmo mais recentemente, que nós temos uma professora na Universidade de Londrina, que foi convidada e vai nos dar um depoimento, acredito que vai poder complementar essas informações. A frente que se desloca de São Paulo e Minas e que vai ocupar essa área considerada nossa, do Paraná, essa frente encontra o obstáculo dos últimos redutos, ^{da última raia} de refúgio dos indígenas, né! Eles já tinham sido deslocados de seus territórios, os seus territórios diminuíram de tamanho, seja aqui nesta área, que hoje até não temos mais Índios, na área de Curitiba, seja Ponta Grossa, Rio Negro, subindo ^{di direção} Guarapuava, Palmas, Laranjeiras, Mangueirinha e quando o nosso ~~território~~ ^{Foi ocupado} lá estávamos Caigangues e novamente é ocupado o território dos Índios. Mas, neste momento, quando é ocupado o território dos indígenas ^{Também dos Detás, quase que ao mesmo tempo próximo à MARINÓIS E EM LONDRIA} ~~... e inaudível~~ neste momento ~~não~~ já tinhamos, aqui no Brasil, sido criado um órgão oficial para gerir a Política indígena, um serviço de proteção aos Índios criado em 1910, que como eu disse, ^{"En passant"} nos tivemos inicialmente aldeamentos, que ^{foi} uma medida que os Governos imperiais adotaram, ^{aqui no sul} tivemos as colônias Militares de Jatá e a colônia Militar Chopinzinho e que foram táticas utilizadas, mas que não tiveram um seus efeitos. Então, foi uma inspiração própria de ^{INDIGENISTA} Rondon, ^{ACHAR} por bem dar uma certa proteção aos indígenas, aldeando em postos indígenas, por todo o País; então são /

fita 1 - lado B - folha 3 -

0

~~SR.~~ A SRA. CECÍLIA HELM ... então são criados os postos indí-
 genas, com a função mesmo de dar
 proteção aos Índios, porque eu não mencionei, eu acho que é uma
 história
 muito dada, muito fácil, mas por exemplo: Quando os colonos são
 trazidos por força dos nossos Governos da República são trazidos /
 para certas áreas aqui e anteriormente né! Esses colonos sentem
 um terrível medo da ameaça indígena. Então, constantemente estão
 pedindo proteção e vocês devem se lembrar de uma das páginas m/
 mais feias da nossa história que é a caça ao Índio, a caça ao Bu-
 gre, como foi denominado, pelos bugreiros, extermínio dos indíge-
 nas; Essa região de Rio Negro, aqui próximo né? É uma área que /
 se extermina os Índios, cometendo assim matanças assim das mais
 terríveis. Então, a nossa história, tanto Paraná como Santa Cata-
 rina, é a história que até a gente tem vergonha de contar, de /
 lembrar, porque se exterminar^{em} crianças, mulheres, jovens, homens,
 no sentido de dar proteção aos colonos, seja alemães e outras ^{ETNIAS} que
 aqui vieram se estabelecer. E no interior ^{DOS POSTOS} os Índios nessas aldeias
 passam a produzir, realizar roças e aquelas áreas de vasta caça,
 pesca, coleta, coleta de raízes, de frutas, com a redução dos /
 territórios básicos, com o povoamento de todo o Estado, essas /
 áreas tem diminuído toda a fauna, toda a flora e os frutos das /
 araucárias não são tão mais abundantes, é um alimento dos Índios,
 principalmente ~~(INAUTILÍZADO)~~ ^{O PINUSO} e os Índios passam
 a cultivar roças de maneira muito sistemática...

comissão de ordem econômica e social

fita 1-lado B

mlm

-4

A SRA. ^{CECÍLIA HELM} ~~KIMBE~~: -... de maneira muito sistemática, os primeiros in-
formantes, que foram os missionários, quando lá che-
garam ~~relatam~~ relatam que eles já cultivavam milho. E esses relatos acer-
ca do cultivo do milho eram ~~casas~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ ocasionais, ^{NÃO} era u-
ma ^{UMA COISA} ~~sistemática~~ ^{TODO O MÊS DE AGOSTO PREPARAR O TERRENO} ~~de todos os índios preparar a terra em agosto~~ para
plantar em setembro, mas com a tomada do território, a carne já/
não mais tão abundante eles desenvolvem roças para o seu uso do-/
méstico, com o ~~na~~ apoio do Serviço de Proteção aos Índios e mais
tarde com os projetos da Funai.

^Para não mais me alongar, eu digo a vocês
que, tanto no período colonial, período imperial, período da Re-
pública como nos dias de hoje, o que tem acontecido, o que tem /
ocorrido em todas as Américas, Brasil, Perú, Bolívia, México, Co-
lômbia, Paraguai é uma política, e eu gostaria que vocês me reba-
tessem, é uma política interacionista, nós pensamos no índio e pen-
samos em integração. Nós programamos uma política para o índio se-
ja com o Serviço de Proteção aos Índios, e recentemente, nos úl-
timos anos a Fundação Nacional do Índio, e sempre a política, a
ótica, a ideologia é a integração. É uma política que nós construí-
mos para o índio e não que os índios constroem. Nós falamos em /
participação, quando Tancredo Neves ia assumir o Governo, se fa-
lou tanto em participação, outros projetos que foram encaminhados
ao Governo ^{PROJETOS DE COMO GERIR OS ASSUNTOS INDÍGENAS} é mesmo agora, na Constituição F^{ed}ederal temos alguns/
capítulos sobre os índios, muito bem elaborados, mas na prática, /
nós ainda temos uma política que ainda é construída para o índio.

A nosso vêr a política deveria ser elabo-
rada a partir e junto com os índios, eu acho que como no dia de/
hoje vocês conseguiram trazer tantas lideranças índias, e este in-
teresse em participar, em ouvir, contribuir, assimilar, discutir,
e ao mesmo tempo rebater, essa ^{deve ser} ~~é~~ a nossa prática, deve ser a nos-
sa prática, porque não no ano 2.000, mas em 1989 ^{em DIANTE} porque essa /

fita 1, lado B

mlm

-5

prática é que vai poder fazer com que se repense a política indígena oficial, dentro do modelo desenvolvimentista, dentro do modelo que visa incluir todos os interesses, desde o Projeto de Tucuruí, todos os interesses dentro do Paraná, que se contemple os Projetos tão controvertidos, no Paraná e no Brasil, Carajás, a Transamazônica, será que nós quando projetamos, a Funai está no Ministério do Interior, que é o Ministério dos grandes Projetos, dos grandes Projetos nacionais, será que isso tem sido realmente feito para os índios, é isso que nós queremos construir para os índios? Esse País está praticando uma Democracia? Falamos tanto em pluralismo étnico, pluralismo cultural, está dando ao índio o espaço que ele deve ter, que ele deve merecer? Será que quando o antropólogo vem aqui e fala pelos índios, será que o índio não deveria também estar junto para colocar as suas questões? São questões que nós colocamos, hoje, enfrentamos, desafiamos, e já tivemos avanços em alguns ~~avancos~~ como demarcação de terras, melhoria de condições sanitárias, e tal. Então eu deixo agora, na qualidade de Presidente da Mesa, a palavra, e gostaria de saber o interesse da Mesa. Acho que as perguntas deveriam ser de todos os expositores, que será mais fácil para vocês debaterem, estou à disposição se quiserem alguma ajuda, neste momento.

Agradeço a atenção.

APLAUSOS.

O SR. Carlos Maurício :- Há 8 anos atrás, mais ou menos, numa Reunião realizada em Salvador, em 1981 numa Mesa que se chamou Antropologia ^{URGENTE} ~~Ambiente~~, que era mais ou menos a urgência que se tinha de questões relativas ao índio, por que ~~que~~ estávamos vivendo uma crise muito grande, de sobrevivência da Nação indígena, Darci Ribeiro, levantando a questão política, dizia que, embora a política indigenista da época era uma política exterminadora, a Constituição brasileira de então, que era a de 1967 ^{que foi modificada em 1969} era "melhorável", ele usou exatamente este termo.

fita 1 lado b

mlm

-5

Eu me lembro que naquela ocasião houve u-
discussão imensa sobre melhorar ou não o texto da Constituição /
de 69 ~~a Constituição de 67 foi promulgada em 69~~, eu acho que /
esta discussão só terminou, na verdade em 5 de outubro de 88, quan-
do se promulgou esta nossa Constituição atual que foi fruto de /
um processo de debate nacional de participação ~~hora~~ frustrante ~~no-~~
ra boa de toda a Nação brasileira. Exatamente eu acho que esta /
discussão encerrou ali, porque mostrou que de fato o texto consti-
tucional brasileiro de 1969, podia efetivamente ser melhorado. En-
tão para mostrar como foi processada esta melhora, como é que ~~ex~~
é essa melhora, que melhora é essa, ~~que~~ temos que voltar um pou-
co atrás. Vamos lembrar que a Lei, ao mesmo tempo que estabelece/
o convívio das pessoas, do Estado, a relação humana ^{QUE SE EXERCE NO} ~~como~~ Estado
as possibilidades desta humanidade conviver junto, ^{ela} ~~como~~ também /
faz com que algumas pessoas possam exercer ^{opressão} ~~XXXXXX~~ sobre ^{outras é} ~~elas, es-~~
^{ATRAVÉS DE} ~~tais~~ normas jurídicas que ^{SE} expressam esta ^{opressão} ~~XXXXXX~~ efetivamente, /
mas isso é ^{ATÉ CERTO PONTO UMA VERDADE} ~~uma questão~~, porque ^{MUITAS VEZES} ~~uma~~ norma jurídica o que faz é es-
conder esta ~~XXXXXX~~ opressão, fazer com que esta opressão desapa-
reça na sociedade, com que a História não a veja, não a registre.
É notável o fato de que durante o século passado, os negros e a/
relação de escravidão praticamente não aparecem na Legislação /
brasileira. E os índios, por sua vez, aparecem muito pouco, são es-
porádicos os textos legais do século passado que falam em índios.
Fala ^{A LEI DE} ~~em~~ terra ^{DE 1500} ~~em~~ 1950, fala algumas normas anteriores, alguns ~~XX-~~
~~XXX~~ alvarás régios, e algumas coisas muito concretas, dizendo as-
sim decretos locais, atribuindo terras a certas tribos que erram
pelo sertão de Guarapuava, como é o caso de ^M Mangueirinha, mas é
muito pequena, muito pouca a Legislação que trata disso. Por quê?
Porque o Estado não vinha tendo interesse que determinadas ques-
tões aparecessem, a tal ponto que em 1946, quando foi redigido o/
texto do Código Penal brasileiro

fita 1- lado B

mlm

-7

* não aparece a palavra índio, ou silvícola, nações indígenas, gen-
 tios, nada disso aparece no Código Penal brasileiro, e um dos /
 maiores comentaristas do Código Penal Brasileiro, um grande juris-
 ta, ^{CHAMADO NELSON HUNGRIA} fazendo um aparte, fazendo um comentário ^{DO CÓDIGO, CHEGA UMA PARTE QUE DIZ} diz que as penas/
 quando forem aplicar as penas tem que verificar as condições da/
 pessoa, as condições pessoais de quem cometeu o crime, as ~~condições~~
 condições de pleno entendimento do ato que está praticando, e aí
 quando ele analisa este texto legal que diz que :-" A Lei diz q
 ue o Juiz tem que verificar as condições de entendimento que tem
 o agente que está cometendo o crime", ele diz o seguinte:-" É cla-
 ro que aqui o Legislador pensou nos índios brasileiros, mas evi-
 dentemente que não podia escrever no texto legal, índios, porque /
 escrever isso num texto legal ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ de um Código Pe-
 nal que será conhecido em todo o mundo, inclusive na Europa, se-
 rá demonstrar ao mundo a nossa vergonha". Diz ele, com isso, que
 na verdade, o fato de existir índios no Brasil era uma diminui-
 ção da nacionalidade brasileira que se considerava civilizada,/
 superior, ^{EUROPEIA} Então vemos com isso, que este ~~XXXXX~~ ato falho de um /
 grande jurista, era um grande jurista ele, essa sua europeização/
 não o diminui como jurista, mas esse seu ato falho traduz muito/
 claramente o que a Lei, o que as Constituições, o que as ~~formas ju~~
 rídicas de um modo geral ^{VIAM} ~~pensam~~ ^{EM RELAÇÃO A ISTO.}

É por isso, embora se tenha criado, antes
 disso, vejam porque a Lei tem que tratar, porque o Estado ^{BRASILEIRO} de um
 modo geral tem que se preocupar com este capítulo especial. Exa-
 tamente porque existe populações e como a Cecília muito bem disse,
 não é uma população, não é um grupo, mas são mais de 170, hoje,/
 mais de 170, 180 grupos, falando 170 línguas diferentes, que con-
 vivem conosco, no Brasil...

18

... no Brasil. Estas populações são diferenciadas, mas há outras populações também diferenciadas, no Brasil, e que nem por isso precisa a lei, especificamente, tratar delas. Mas, acontece que os índios, além de extraordinariamente diferenciados, por quê? Porque têm uma cultura completamente diferente, uma língua completamente diferente, uma organização completamente diferente. Eles têm duas outras coisas que os diferenciam de todos os outros: eles não precisam, para sobreviver, do Estado Brasileiro, desde que os brancos, ou a sociedade não ^{INTERFERAM} ~~impedam~~ suas vidas. Eles vêm vivendo há milênios, sem necessidade do Estado. Nem estado-índio e nem Estado Brasileiro. Não precisam do Estado. Então, isto cria uma diferença muito grande em relação a qualquer outro grupo diferenciado na sociedade brasileira, que precisa do Estado. Há outra característica, é que estes grupos que têm cultura, sociedade, língua, desnecessidade do Estado, vivem em território próprio. Ou seja, em território que eles vêm dominando há anos, há milênios, há centenas de anos. E que, portanto, têm um conhecimento, uma vivência deste território que lhes ~~há~~ é toda própria e peculiar. E dele, deste território, extraem a própria fonte de sua cultura. Isto significa que eles precisam, para sua própria sobrevivência, deste território e não de algum território. Enquanto a sociedade de hoje, chamada civilizada, precisa para produção de bens de terras, ~~em~~ qualquer terra, desde que elas forem férteis, e se elas forem férteis dá para plantar banana. Banana se plantará. Se for ~~para~~ plantar café café se plantará. Os índios precisam de um território específico fértil ou não, com minério ou não, com floresta ou sem floresta. Precisam daquele território porque é daquele território que eles extraem a sua própria cultura ou dito em outras palavras, extraem a sua própria sobrevivência como um povo.

Portanto, estes povos diferenciados, eles são tão diferenciados que o próprio direito não encontra formas de resolver a sua relação. E o direito, especialmente no fim do século passado para cá, direito ocidental, que se arma, ~~se~~ monta sua camisa em função da

19

estrutura de uma sociedade que tem como fundamento a propriedade privada este direito não consegue explicar, responder, não consegue introduzir as nações indígenas nele porque o conceito de propriedade privada, assim como o conceito de ~~proprio~~ Estado nada tem a ver com estas populações. Então, é extremamente difícil para o direito resolver o problema indígena nacional. E é muito claro que do início da tentativa de solução jurídica, a definição jurídica do índio as questões eram colocadas por semelhança. Então, dizia a lei de 1850: "as terras devolutas serão reservadas, algumas" e daí vem o termo reserva indígena, "reservadas algumas que possam ser utilizadas pelos índios". Então, na verdade, não dizia que esta terra seria propriedade de alguém, ou seria propriedade dos índios, ou como seriam. Seriam reservadas uma sorte de terras, um lote de terras, uma porção de terras muito parecida com as terras devolutas. Este conceito vem evoluindo a tal ponto que nas constituições e o Código Civil do começo do século ^{NÃO} trata disso e a Constituição de 34 é a primeira para cá, mas as constituições passam a tratar a partir da década de 30 exclusivamente da posse, reconhecendo que os índios têm posse sobre a terra, ou seja, que os índios estão na terra, existem na terra. E não tocando na questão da propriedade dos índios. Então, a propriedade ora sai um decreto dizendo que era propriedade plena dos índios a extensão de seu território pelo prêmio na participação da Guerra do Paraguai. Ora dizia o decreto estadual do Pará que os índios "gavião" recebiam por doação ~~de~~ ^{UMA} terra de 3 léguas ~~na~~ ^{nas} margens do Rio Tocantins. O Estado ~~do~~ Brasileiro doa aos "gavioões" uma terra como prêmio pela participação na Guerra do Paraguai. Mas, terra que eles sempre ficaram, era a terra que os índios "gavioões" tinham como deles, sempre. E ^{OS} ~~o~~ Pará doa uma terra, ^{NA FRENTE} ~~às margens~~ do Rio Tocantins, terra esta que nenhuma pessoa poderia atravessar, porque aqueles índios a estavam defendendo. Nesta época os "gavioões" sabiam, sequer, que existia o Estado do Pará naquela região.

Então, estas contradições de Direito, na realidade,

... na realidade, foram , ou melhor, não puderam ser resolvidas, porque a mentalidade dos juristas, dos legisladores ~~de hoje~~, ^{ela} muito parecida com a mentalidade do Néilson Hungria, que achava que não poderia colocar na lei esta coisa de dizer que o índio, isso e aquilo e tal. Por quê ? Porque a política integracionista acessível era essa. Os índios vão ser integrados, ^{vão} ~~vou~~ passar a ser ^{brasileiros} ~~indios~~ e daí a gente esquece esta história de índio e fica tudo muito bom.

Não aconteceu esta integração, apesar do esforço do Estado Brasileiro, esforço este que no sul resultou no extermínio , como o dos Xetas, Carijós. E praticamente diminuição ao nada das reservas Guarani, Caingangues. Mas, no Norte, no Amazonas, eles continuaram a ter uma previdência relativamente, e até algum tempo, bastante digna do seu ponto de vista, mesmo porque eles não tinham contato com a chamada civilização ocidental. Pois bem, na década de 60, e antes da década de 60 a Constituição de 46, conhecida como uma constituição democrática, uma constituição feita por uma assembléia constituinte, onde teve ampla participação de correntes políticas, etc, a Constituição de 46 trata dos índios da mesma forma que as outras, ou seja, trata da posse. Reconhece que existe índio no Brasil, o que já é um avanço em termos do que era no século anterior, mas atribui apenas a garantia aos índios de estarem onde estão ocupando. Quer dizer, a garantia de ficar na terra onde estão ~~fixados~~. Garantia esta dada exclusivamente à posse. A Constituição de 67, já autoritária, com enfoque e traços de corporativismo facista, uma Constituição que fecha estreito poder na mão do poder central em Brasília e corta todas as possibilidades de participação popular, esta Constituição, ela trata da questão indígena já de uma forma completamente diferente, porque ela trata da ótica militar. E ao tratar da ótica militar, ela reconhece a mesma posse, garante esta posse com mais efetividade e então, por uma solução jurídica quase que milagrosa, descobrem que a propriedade da terra indígena pertence ao Estado Brasileiro. Quer dizer, é o Estado Brasileiro a União, que tem a propriedade da terra. E desta forma, estava resolvida a questão da propriedade por uma pendência, uma pendência jurídica sem

O SR. CARLOS MARÉS : Bom, isso resolveu alguns problemas jurídicos como por exemplo, a possibilidade da União interpretar em Juízo e defender o direito indígena, porque a terra era sua. É a única consequência jurídica palpável. Bom, exatamente por isso, exatamente porque dizia que a propriedade é da União, separava a posse da propriedade - a posse era dos índios e esses índios estão garantidos de uma forma perene nessa terra, garantindo o seu usufruto exclusivo, - garantindo a possibilidade de só os índios explorarem a riqueza dessa terra, exatamente isso que fez com que Darci Ribeiro considerasse que aquele texto era imelhorável. Dizia ele que o fato de uma Constituição dizer que era usufruto exclusivo dos índios a terra em que habitam, - não há nada melhor a ser dito, porém, a discussão depois da época que a gente passou, fez com que se revisse alguns conceitos, especialmente esse conceito de que as minorias não têm tantos direitos, porque as minorias serão um dia, integradas por maioria e que o Estado, recém saído do totalitarismo, dizia reconhecer o direito de todas as minorias sociais, incluído aí o conceito, o termo genérico que se chama de minoria - algumas são até minoria, como por exemplo, as mulheres, os negros. Então tem essa categoria geral que eu acho que essa Comissão da Assembléia Estadual Constituinte também é a categoria geral das coisas que não são nada: índio, mulher, negro, criança, meio ambiente. Coisas assim que não se sabe bem o que é, porque onde é que encaixa? Mistura tudo em uma coisa só.

Pois bem, essas minorias, a partir do estado totalitário, da quebra do estado totalitário, começaram a ganhar importância na sociedade e essa importância também passou a ser maior para os índios e os índios, como a Cecília já disse, eles mesmo se organizaram. Nasceram aí grandes organizações indígenas, não só a União das Nações Indígenas, que nasceu já no final dos anos de ditadura e que nasceu muito curiosamente porque a União das Nações Indígenas, a UNI, não foi aceita de forma nenhuma pelo Governo militar da época e o então Ministro Jarbas...

nenhuma pelo Governo militar da época, e o então Ministro Jarbas Passarinho chamou ^{os} representantes ~~indígenas~~ ^{DA UNI} e disse: " Olha, se vocês forem registrar com esse nome, a gente não permite. Não vão conseguir registro com esse nome " e o Jarbas Passarinho é muito hábil. Ele dizia isso como se estivesse do lado dos índios. Ele dizia: " Eles não vão permitir..." Só que " Eles " era ele também. " Eles não vão permitir que vocês registrem com esse nome. " Não porque tenha problemas, mas especialmente porque faz lembrar a UNE" e depois, de tanto conversar, dizia: " Não, não é por isso. Sabe o que é que é? É que o Governo não admitirá que se faça uma união de nações, porque nação, no Brasil só tem uma, que é a Nação brasileira. As outras não podem ser reconhecidas como tal, então não vamos admitir". Bom, os índios ficaram um pouco em dúvida se registravam ou não registravam, como é que faziam, e acabaram aceitando a sugestão do Jarbas Passarinho e registraram uma coisa que se chama: " Núcleo de Cultura Indígena" que é a cara legal da União das Nações Indígenas. Acabou até se tornando positivo. Hoje o "Núcleo de cultura Indígena" é uma coisa completamente desconhecida, mas é quem mantém a ^{UNE} união. Talvez tenha sido positivo no sentido de que a UNI hoje é uma União das Nações Indígenas e como tal não é registrada no direito brasileiro. Ela é uma União de fato, uma união de nações e nações independentem de registro.

Aí a gente pode ver uma coisa. O Direito ~~brasileiro~~ é tão difícil de aplicar às questões indígenas, que os grupos indígenas não precisam de registro para existir: todas as outras coisas precisam de registro para existir. Se se forma um Partido Político, precisa registro, se se forma uma sociedade comercial, precisa registro, se nasce uma pessoa, essa pessoa tem que ter um registro, mas grupos indígenas, as comunidades indígenas não dependem de registro para existir e a lei brasileira acabou por formas transversas, complicadas, a reconhecer a existência de comunidades indígenas,

comunidades indígenas, desnecessitando qualquer registro.

Então, o Estatuto do Índio, a Lei 6.001, diz: "As comunidades indígenas ou grupos tribais têm direito a postular em Juízo em defesa dos direitos indígenas". Quem pode ir a Juízo? As pessoas, as sociedades regularmente inscritas, etc. Não fala em inscrição, não fala em registro, não fala em nada. Então, algumas nações entram como comunidades sem registro, sem coisa nenhuma, e são reconhecidas como tal. Isso tudo depois da quebra da ditadura.

Os índios se organizaram de forma muito grande, mas além disso, muitas nações indígenas começaram a se organizar. Os Ticuna, o maior grupo indígena brasileiro se organizou de várias formas: Organização dos Ticuna, Organização dos Tuchauas-Ticuna e hoje os Ticuna têm ação em Juízo, tem uma série de coisas sem nunca registrar, sem precisar de registro. Eles são o próprio grupo, a própria comunidade que existe, independente da lei.

Essa coisa de existir independente da lei é uma coisa engraçada, porque dentro do sistema jurídico brasileiro, as coisas só existem se estiverem pautadas dentro da lei, especialmente as coisas públicas, especialmente as coisas coletivas. As coisas que o indivíduo faz não é tanto, mas as coisas que o coletivo faz tem que estar dentro da lei. A lei, a fonte do direito, quer dizer, você só tem o direito se ele estiver escrito na lei. Se não estiver na lei não existe o direito.

Pois bem, a discussão que a gente fazia, e na época a discussão que eu enfrentei com o Darci Ribeiro, foi exatamente essa em 1.981. Bom, a melhora da Constituição é o reconhecimento de que existe direito indígena independente de lei, ou seja, que os direitos dos índios não necessitam de lei para existir, porque eles já existem antes, ou seja, o direito dos índios à sua terra, eles existem independente que o Estado brasileiro diga: "Reconheço os direitos dos índios". Mas como

reconhece o direito dos índios? Os índios estão lá na selva e estão vivendo a sua vida. Por que o Estado brasileiro tem que dizer que reconhece? Se aquele direito existe antes do Estado brasileiro? Ou seja, os índios estavam aqui antes de se constituir o Estado brasileiro, o Estado brasileiro não tem que reconhecer. O Estado brasileiro tem que se submeter e dizer, simplesmente ^{dizer:} bom, ali existe o direito indígena que a gente reconhece.

Então o que eu achava que era melhorável - aquela legislação, era o fato de reconhecer, ou a possibilidade de reconhecer que o direito dos índios independe de lei. Não é necessário que o Estado diga: " O território indígena é aquele que vai do Rio tal ao Rio tal", ou " Nós doamos um pedaço de terra", ou que diga simplesmente, "homologo a demarcação da terra indígena".

O Estado brasileiro tem que reconhecer que o direito indígena, o direito às terras especialmente, pré-existem, eles já estão lá e portanto, o Estado vai simplesmente ver onde é que é. " Ah, é aqui? Então muito bem. Aqui é".

Bom , a Constituição de 1.989 ela foi um - avanço extraordinário nesse sentido, porque ela reconheceu exatamente isso, que o direito dos índios à terra era anterior à lei e portanto, não se pode dizer: " Não, a partir da Constituição de 88, o direito à terra é esse ou aquele outro". " A partir da Constituição de 34 há direito, antes não há ".. Não. A Constituição de 1988, ou seja, a atual Constituição, diz que os direitos indígenas à terra, pré-existem à lei. Diz de uma forma - jurídica meio embolada e tal, mas diz. Diz assim: " São reconhecidos aos índios , os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam " .

Essa palavra " originários" quer dizer exatamente isso, quer dizer que a origem do seu direito, é ele mesmo. A origem dele, do direito à terra, é o próprio direito à terra, o próprio uso da terra, o próprio estar na terra.

O SR. CARLOS LISBES ... O próprio estar na terra, estar na terra ocupando tradicionalmente mais um conceito interessante que significa, segundo as suas tradições, ou seja: ^{CONFORME} ~~lhes~~ é dado de fato.

Portanto, os Índios que ocupam as terras, segundo a sua própria tradição, ou seja, segundo a sua própria maneira de ser, estes Índios tem direito originário sobre elas.

Mas foi mais longe a Constituição de 88, e além de garantir os direitos originários das terras, garantiu também ^{RECONHECEU} os direitos da Organização, aos costumes ^{23 LÍNGUAS} e tradições.

Isto é, ele reconheceu que os Índios podem ter a sua vida, a sua forma de vida, a sua maneira de viver, como se lhes apetecem ou seja, segundo costumes, tradições, crenças é que eles vão viver, e não segundo a lei Brasileira, ou seja o casamento entre Índios, diz respeito as tradições indígenas, não o código civil, os negócios realizados entre Índios, diz respeito a Legislação Brasileira, a forma como os Índios fazem, ~~e não a Legislação Brasileira.~~

Então mais do que isso, garante a organização Social, ^{O QUE É A ORGANIZAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA?} ~~A~~ organização social indígena ^{É A DESNECESSIDADE DO ESTADO} os grupos indígenas não tem Estado, não porque tenham tido uma discussão interna e chegavam à conclusão que ~~Estado~~ ~~de~~ é muito impróprio, porque acaba cobrando imposto, mas simplesmente porque a sua organização social, não necessita de um Estado, vivem a sua convivência, não é necessário a força do Estado, as forças sociais, que vivem e que respeitam, que estabelecem formas e sanções, formas de convivência, são suficientes para a sua continuidade física e cultural, não necessita de um Estado, não necessita que imponha ~~imponha~~ sanções direcionadas por escrito ou não, mas direcionadas aquele cidadão que subordina independente da sua vontade, ~~mas~~ há formas de sanções diferentes.

Então este Artigo 231 da Constituição de 88, estabeleceu o reconhecimento ^{da ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS} ~~indígenas~~ costumes, línguas, etc..., tem que ~~consequências~~ e as consequências estão em outros capítulos, estão

O SR. ~~ALVES~~ ^{MARÉS} por exemplo, no capítulo da Educação, onde falamos do direito aos Índios terem uma Educação ^{DE ÍNDIO}, estão no capítulo da Cultura, onde garante aos Índios, o Estado Brasileiro reconhece a cultura indígena, como parte integrante da cultura nacional, e naturalmente estão também no capítulo de terras, ^{CAPÍTULO DE BENS DA UNIÃO} considerando as terras ainda uma propriedade anônima. Por quê? Porque aos Índios, no costume, na organização Social, não existe o conceito de propriedade, ^{SE} se não existe o conceito de propriedade para garantir a proteção a esse específico conceito jurídico da civilização ocidental ^{SE} que colocou a propriedade dentro do conceito geral do ~~bem~~ ^{BENS} da União.

Não sei se vocês lembram, ^{MAS} quando ~~vocês~~ estavam ^{SENDO} discutindo a Constituição, o então Ministro da Justiça Sr. Paulo Brossard, se ~~im~~ surgiu contra uma discussão havida, se os índios eram ou não eram nação, e se ^{im} surgiu de forma grosseira, como aliás, ^{ERA,} como ~~é~~ peculiar daquele Ministro.

Mas, se ^{im} surgiu grosseiramente dizendo que ~~es~~ ^(ininteligível) era um crime lesa Pátria, que quem falava em Nação Indígena era um bando de contra-Brasil, que queriam entregar o Brasil ... e uma série de bobagens.

Mas é interessante nós observarmos que tudo não passava de um medo ^{AP TERMO NAÇÃO} ~~(alberação)~~ medo que a Nação pudesse significar desintegração do território Brasileiro, do País, como se a desintegração não fosse feita pelas políticas econômicas equivocadas, malévolas da nação, etc..

Então achavam que se usasse o termo Nação e o Paulo Brossard disse com muita clareza, ^{que} se usasse esse termo acabava o Brasil.

Aí o Paraguai nos ^{envadia,} ~~mas~~ ^{não} sabia ele que ^{ALGUM TEMPO DEPI} Stroessne viria morar aqui. Mas, esse ataque, essa rebeldia contra o termo Nação, verdadeiramente pertence à uma coisa mais geral que existe no mundo, desde o fim da Segunda Guerra, é o medo da Constituição de novas Nações.

O medo efetivamente de que os povos, que não se constituem Estado, queiram se constituir Estado, e o exemplo da África é muito presente, para os dominadores. Na África, as nações os povos que começaram a se rebelar e a se ^{tornar} ~~transformar~~ independentes, estavam submissos ao

O SRColonialismo, ^{COMEÇARAM A SE INSURGIR BELICAMENTE} ~~(ininteligível)~~, de forma armada e a
 a arma principal utilizada pela dominação colonial
^{CONTRA} ~~que~~ os povos da África, na verdade não foi a metralhadora, o canhão e a
 bazuca, mas foi a desarticulação das populações, a união de certas popu
 lações, ^{uma} ~~uma~~ artificial de povos, divisão artificial de povos, e a criação
 de Estados na África, que não correspondem ~~xxxx~~ aos povos originais -
 que ali habitavam.

Então se criou ^{ESTADOS} ~~(ininteligível)~~ que não tinham na
 da a ver com as Organizações Sociais, existentes na África, e esta é a
 forma como o Imperialismo, a dominação Colonialista, continua dominando a
 África. ^{ATÉ HOJE} Se cria o Estado, como o Estado do Gabão, e se lhe dá independên
 cia ao Estado de Gabão, no Estado de Gabão, existem algumas etnias que -
^{disputam} ~~disputam~~ entre si o controle.

É muito fácil para a França alimentar uma etnia -
 contra outra, e ao mesmo tempo colocar seus produtos em venda no Super -
 mercado ^{GABONÊS} ~~(ininteligível)~~. Mas na verdade a independência de cada um dos
 povos ^{QUE COMPOEM O ARTIFICIAL} ~~foi artificial~~ Estado do Gabão, não está garantida. Então quando
 se falava no Brasil, de povos, de nações, o medo era o mesmo, o medo é
 que Hianomanis se aliassem ~~xx~~ aos Tucanos, que se aliassem aos ^{TUCANA} ~~(picunas)~~
 e que formassem uma nova Nação, que pudesse ser gerida por um Estado, co
 mo a Holanda, a Bélgica ou a ~~Escandinávia~~. Isso não é possível, ^{NO BRASIL} Mas desde
 a Segunda Guerra, que embora se tenha falado muito em Direitos Humanos,
 tem se sistematicamente evitado falar em direito dos povos, e se vocês co
 meçam a observar bem, os conflitos do pós-guerra, são praticamente todos
 baseados em conflitos de povos, (conflitos de povos) subordinados a Estad
 que querem se constituir Nações Independentes.

Um único direito que é reconhecido aos povos, é
 o de se constituir Estado, quando Estado não há.

Então o que se fala de auto-determinação dos po
 vos por exemplo é a auto-determinação dos Estados.

Depois que os Estados se compõe, passa a valer a
 Lei do Estado, passa o Estado a ter supremacia sobre os povos que habi
 tam o seu território, e não é mais possível o reconhecimento Internacio
 na

O SR. CARLOS MAREZ..... : de povos que vivendo sobre o Território de um Estado, queiram se tornar independentes, mas mais grave que isso no Brasil, os povos, as nações indígenas Brasileiras não^{se} pretendem constituir Estado, não querem se constituir Estado, porque não precisam se constituir Estado, apenas querem garantir os seus direitos de povos. E esses direitos de povos, pela primeira vez na história Brasileira, é relativamente reconhecido na Constituição de 88. E quando eu digo relativamente reconhecido, é porque o ideal é que fossem reconhecidos com todas as letras, isso embora excelente, embora muito acima das expectativas, a Constituição de 88, é ela mesma ^{MELHORÁVEL} ela pode melhorar. Eu acho que o povo brasileiro numa próxima Constituição pode dizer exatamente isso, - que os povos que vivem no território que o Estado Brasileiro controla, tem liberdade de viver como povos.

Agora, está quase difícil, porque o Estado Brasileiro reconhece, a organização social, os costumes, tradições, crenças etc... e reconhecem o direito originário sobre suas terras, o que ainda não reconhecem, é o direito desses povos quererem ou não quererem, eles mesmos, a tutela do Estado. E a Tutela do Estado lhe^a é imposta independente de sua vontade.

Então aí, continua existindo a Tutela do Estado Brasileiro, o Estado Brasileiro continua sendo o tutor destas populações ^{INDÍGENAS}, queiram ou não queiram.

É claro, que isso tudo o que eu disse, cabe muito bem à Constituição Federal. Nós sabemos que desde 1946, quando a Constituição de 46, começou a ser enfraquecida ^{seu} pelo poder, o Estado Brasileiro, é um falso Estado Federado. A Federação Brasileira é falsa, a Federação Brasileira é de papel, não é capaz de suportar sequer uma Constituinte Estadual ...

O SR. *ceiros usás* :- ...sequer uma Constituinte Estadual, a tal ponto que as Constituições Estaduais não podem dizer nada que ~~xxxx~~ fira a Constituição Federal. ^{Já disse tudo} Já disse qual é a competência do Estado, já disse como o Estado vai ser governado, já disse como se^{rá} a Legislação do Estado, já disse tudo. Não sobrou para o Estado se não regulamentar aquilo que a Constituição disse que é competência do Estado fazer e em consequência maior ainda aos municípios que ficam também com sua competência restrita ao que diz a Constituição Federal.

Bom, então nos sobra~~m~~ para as Constituições Estaduais muito pouco. O meu medo é que como esta questão é controversa, é uma questão de difícil solução e nós conseguimos um extraordinário avanço a nível federal para os Estados e, principalmente os Estados onde as populações indígenas são mais numerosas e, portanto, os interesses econômicos contrários às populações indígenas são maiores, venha^m a criar situações que enfraqueçam o que está dito na Constituição Federal. E é por isso que no trabalho de nível nacional, que a gente tem feito, ~~xxxxxx~~ de orientação jurídica, às organizações que defendem e protegem os direitos indígenas é no sentido de que nas Constituições Estaduais não deve constar nada que trate de questões de terras e trate das questões organizativas dos povos indígenas. Estas questões estão na Constituição Federal e a Constituição Federal noutros artigos diz que é competência federal. Portanto não há por que as Constituições Estaduais tratem deste assunto. Se tratem terão que repetir o decidido na Constituição Federal. Isto não interessa nem é bom e, se por acaso, como disse o Deputado que abriu esta Sessão, as Constituições Estaduais tentarem melhorar, como disse, a Redação desse texto, podem cair em contradição e caindo em contradição, porque a Constituição Federal é avançada, qualquer interpretação que se dê ^{com o texto} ~~xxxxxx~~ de uma Constituição com a outra 'e muito provável que aqueles que tem interesses econômicos superiores aos interesses dos índios, contra eles, tem vantagem na interpretação.

Por isso acho, e tenho recomendado às Constituições Estaduais que não tratem deste assunto que já tem tratado na Constituição Federal. ^{ESTES DOIS} ~~Todos os~~ temas ^{A QUESTÃO} ~~aqui são~~ de terra e a questão da organização social e reconhecimento das estruturas sociais indígenas.

Claro que outros assuntos podem e devem ser tocados. E quais são os outros assuntos? Educação, cultura, saúde principalmente, e um que é excepcionalmente importante, não pode ser esquecido, que é o meio-ambiente, fazendo com que os Estados, ao proteger o seu meio-ambiente, protejam também o direito aos índios ^{de} viverem num ambiente seu, ou seja, ecologicamente viável e ecologicamente compatível com a sua cultura.

Bem, já sei que falei muito, mas apenas para encerrar, a Costituição brasileira...

foi promulgada no dia 5 de outubro de 1988. Há, portanto, muito pouco tempo. É claro que não deu tempo ainda do Governo Federal lê-la, os nossos governantes e especialmente as pessoas do Ministério do Interior da Fundação Nacional do Índio, que hoje temos um representante, que é outra história, mas a Fundação Nacional do Índio, à nível nacional e o Ministério do Interior não teve tempo de ler a Constituição. E eu digo isto porque continuo numa ação absolutamente contrária à Constituição e parece que com mais força e mais intencionalmente tentando fazer com que esses direitos não passem de letra morta. Recentemente, mas muito recentemente, no mês de março passado, o Presidente da República assinou um Decreto que vinha assinado também pelo Ministro do Interior, Ministro da Agricultura, Ministro ^{de Segurança Nacional, não sei o nome, agora tem outro nome, mas enfim ele continua com o poder} de segurança nacional, não sei o nome, agora tem outro nome, mas enfim ele continua com o poder do serviço de informação, Estes Ministros e o ilustre Presidente da República assinaram um Decreto dizendo que a terra Ianomani que é reconhecida nacional e internacionalmente por todas as fontes científicas do Brasil e por governos anteriores de uma área contínua de aproximadamente 9 milhões de hectares, foram reduzidos pelo Presidente da República a dois milhões de hectares em 19 áreas não contínuas, ou seja, deze nove ~~xxxxx~~ ilhas que são ~~xxxxx~~ nada mais nada menos do que um Decreto de... ^{ETNOCIDIO} (ininteligível), um Decreto para que os índios ~~xxxxx~~ Ianomani venham todos, na sua grande parte, e hoje são aproximadamente 10 mil índios no ~~xxxxx~~ território brasileiro, Venham pelo menos uns 95%, talvez por gosto do Governo, a perecer e a serem dizimados, porque os índios ^{IANOMANES} ~~normalmente~~ não tem contato com a nação, com a situação brasileira.

Então, eu queria fazer este último registro de que apesar da Constituição ter dado um avanço extraordinário, o Governo Federal, os órgãos de assistência ao índio e o Ministério do Interior, não tem dado, não tem correspondido a este ~~avanzo~~ ~~de~~ avanço e continuam na sua ~~prática~~ prática que embora sob a capa integracionista é... ^{ETNOCIDIA E GENOCIDA} (inaudível).

(PALMAS...).

... (palmas)...

Sra. Presidente (Cecília Helm)- Concedo a palavra ao Sr. José
João de Oliveira.

JOSE JOÃO DE OLIVEIRA - Senhoras e Senhores.

Com a criação do serviço de Proteção...(fotocó-
pia anexa)...

Exmo Sr. Presidente da Assembléia Legislativa e Assembléia Constituinte do Estado do Paraná, Deputado Anibal Khoury;

Exmo Sr. Presidente da Comissão da Ordem Econômica e Social da Assembléia Constituinte do Estado do Paraná, Deputado Raphael Grecca de Macedo;

Exmo Sr. Relator da Comissão da Ordem Econômica e Social da Assembléia Constituinte do Estado do Paraná, Deputado Haroldo Ferreira;

Exmas Sras Deputadas e Srs Deputados Constituintes do Estado do Paraná;

Com a criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais-SPI, em 1910, a República brasileira instituiu diretrizes político-administrativas de condução dos conflitos entre índios e frentes colonizadoras do território brasileiro. Em virtude das conjunturas econômica e política vigentes à época, o SPI balizou sua atuação em dois princípios hierarquicamente ordenados:

- 1- garantir a expansão dos empreendimentos nacionais sobre o solo controlado por grupos indígenas;
- 2- acomodar no âmbito da sociedade brasileira os diversos grupos indígenas sobreviventes envolvidos pela supremacia técnica e político-administrativa da República.

O ordenamento tático do SPI em torno desses dois princípios operacionais visava canalizar para o governo as forças políticas que se mantinham bipolarizadas em dois extremos: os intelectuais, cientistas, positivistas, poetas, escritores e humanistas identificados com a defesa do direito e sobrevivência indígenas; e, os colonizadores estrategistas defensores da incorporação das fronteiras econômicas e supremacia dos projetos desenvolvimentistas sobre o solo e interesses tribais.

A criação de uma Inspeção do SPI na cidade de Curitiba na década de vinte constituiu uma providência estatal, pois nos campos, rios e florestas de Palmas, Guarapuava, Rio das Cobras, São Jerônimo da Serra, Apucarana e Ivaí viviam índios conhecidos genericamente por coroados.

Apesar da persistência desse aparato governamental na capital deste estado, na década de cinquenta a Serra de Dourados foi palco do extermínio quase total de um grupo indígena que vivia a idade da pedra. Ironicamente, Srs e Sras Constituintes, os XETÁ foram vítimas das doenças levadas por trabalhadores de um empreendimento colonizador denominado "Nova Hiroxima" que, também, destruiu o meio ambiente preferencial desse povo. Os seis sobreviventes desse etnocídio não detêm condições biológicas e sociais de perpetuação e reprodução de sua cultura tradicional.

Com isso, a humanidade perdeu lastros com um povo que acumulou conhecimentos sobre a natureza e viveu organizado socialmente distanciado de nosso tempo e racionalidade. Lamentavelmente, os XETÁ sucumbiram diante de nossa contraditória e incontrolável *Onipresença*.

Depois de cinquenta e sete anos de existência asinalados por períodos de apoio político e orçamentário, aperfeiçoamento do quadro de pessoal e grande produção científica alternados por descrédito político, falta de verbas e militarização, o SPI foi extinto e substituído pela Fundação Nacional do Índio - FUNAI.

A instituição da FUNAI subordinou-se às diretrizes da Convenção 107 de Genebra que dispõe sobre a integração das populações tribais dos países independentes. Portanto, a comunhão internacional em torno de um único e recomendável plano de incorporação das fronteiras econômicas dos países signatários ratificou um FATO SOCIAL, identificável pela subordinação dos povos indígenas à nacionalidades politicamente superiores.

A população indígena do Estado do Paraná totaliza, atualmente, seis mil quatrocentos e trinta e cinco indivíduos distribuídos em quinze áreas indígenas que ocupam, aproximadamente, oitenta e um mil hectares. Com exceção de duas reservas, nas demais existe uma unidade administrativa da FUNAI destinada à prestação de serviços educacionais da primeira a quarta série do primeiro grau, assistência agrícola, atendimento de enfermagem e prática de serviços burocráticos. Com exceção de dois postos indígenas que são chefiados por índios os demais são dirigidos por técnicos agrícolas não-índios. Todas essas comunidades produzem alimentos típicos da dieta Kaingáng e Guarani e também produtos agrícolas de interesse da economia nacional. A educação indígena conta com professores das redes municipais e estadual de ensino e também com monitores índios no processo de alfabetização bilingue. De qualquer modo, a educação indígena subordina-se ao Plano Nacional de Educação.

A maioria dessas áreas indígenas foi atingida por empreendimentos de interesse da sociedade brasileira e encontra-se cortada por estradas ou atingidas por barragens ou hidrelétricas.

Apesar da garantia constitucional do direito indígena à terra as reservas Pimbalzinho e Barão de Antonina estão parcialmente intrusadas e muitos índios recorrem ao trabalho de bóia-fria e encontra-se dissociado dos privilegiados projetos de bovinocultura e suícocultura de interesse exclusivamente administrativo.

Srs e Sras Constituintes:

O Paraná abriga atualmente o maior número de etnias não indígenas, dentre todos os estados da federação, mas somente dois grupos tribais: Os Kaingáng e os Guarani; Estabelecer em sua constituição que os índios, suas terras, usos e costumes integram o patrimônio cultural e ambiental Estadual contribui para resgatar a importância do passado e salvaguardar o futuro de vicissitudes indesejáveis.

Curitiba, 19 de abril de 1989

José João de Oliveira
Sociólogo

JOSÉ JOÃO DE OLIVEIRA -... (termina de ler)... de vicissitudes indesejáveis.

Eu finalizo desse modo porque a menos de 30 anos ou melhor, há 40 anos atrás, os índios do Paraná foram surpreendidos pelo famoso acordo de 49. Através desse acordo o Estado apoderou-se das terras dos índios, repassou a uma Fundação ~~de~~ de Colonização e repassou as terras dos índios. ^{por causa disto terras dos índios do Ivaí} do Ivaí que hoje estão estimadas em 7 milhões ^{de 200} (?) ~~de~~ hectares, foram ^{despojadas} tiradas de quase 20 mil (?) hectares. Terras como Ortigueira e Barão de Antonina num total de 3 mil alqueires e hoje estão aí ~~(inadivél)~~ ^{reduzidas a 3 mil e poucos hectares}

De qualquer modo senhores é isso que eu tenho para falar. Seria interessante que se observassem as diretrizes básicas da Constituição Nacional. E que nesse momento o Paraná observasse a importância de resguardar as populações indígenas, suas terras como parte do patrimônio cultural e ambiental estadual.

(palmas)...

PRESIDENTE (Cecília Helm) - Tenho a satisfação de convidar a professora Kimie ^{THOMAZINE} da Universidade Estadual de Londrina

Prof. Kimie - Eu preparei um material para exposição sabendo de antemão dos temas dos colegas. E pensei que tipo de contribuição eu poderia dar em cima da experiência que a Universidade Estadual de Londrina vem tendo do ano passado para cá.

Nós tivemos um convênio com a Funai em função de uma cobrança das lideranças indígenas para que a Universidade de Londrina atuasse nas comunidades, mas desde que os resultados desses trabalhos de pesquisa e de extensão tivessem um retorno para as comunidades indígenas.

E um dos argumentos que as comunidades indígenas nos colocaram é que há cerca de 4 anos atrás um professor de Patologia teria feito exame de sangue nas populações indígenas, se não me engano de Barão de Antonina e, simplesmente esse professor deve ter tido resultados, deve ter publicado os resultados em congressos, mas os índios não ficaram sabendo dos resultados e até hoje

estão cobrando porque os índios são tomados como objetos de estudos e os índios realmente, não tem se beneficiado desses conhecimentos e dos resultados dessas pesquisas.

Então, em cima disso e em cima também dos objetivos desse painel, tendo em vista já a fala dos colegas que me antecederam eu imaginei que seria interessante então trazer para o público presente depoimento do nosso trabalho, daquilo que a gente conhece da realidade dos índios e das necessidades atuais.

Então, a professora Cecília Helm.....

guaranis, que estão distribuídos em quase todos os Estados. Temos também o guarani-caioá que são poucos, mas estão também misturados com os caigangues e os guaranis.

Bom, na maioria dos casos tantos os ~~guaranis~~ ^{guaranis} quantos os caigangues estão hoje, como até ~~até hoje~~ ^{já bi dito}, praticando a agricultura de subsistência, porque os territórios que lhe sobraram é um décimo das terras que ^{em 1949} eles ^{tinham} têm direito, nesse acordo de 49 praticamente, todas as reservas se reduziram a 10% do que eles tinham até então. Bom, além de praticarem uma agricultura de subsistência, venderem o excedente dessa produção para o mercado local-regional, mesmo assim é insuficiente, eles têm que vender o artesanato também ~~xxxxx~~ que eles fabricam nas entre-~~xxxxx~~ safras e, quase sempre, estão vendendo a sua força de trabalho como assalariado na (inaudível). Então, hoje a economia básica ~~dos~~ desses índios é, realmente, baseada nesse critério: economia de subsistência combinada com a venda de artesanato e assalariamento temporário. Bom, com a expropriação dos seus territórios, a dilapidação dos recursos naturais, evidentemente, que toda aquela ~~xxxxxxxx~~ ^{cultura} tradicional era erigida sobre este território, como eu acho que o Marés falou, quer dizer, toda a vida dos grupos indígenas depende do território que ele ocupa. Então, toda a mitologia, todas as histórias que eles elaboram, os mitos sobre a sua origem, sente^m uma relação simbólica com o território de tal maneira que território não é trocado por outra terra. Como nós negociamos as terras da sociedade branca, quer dizer, isto é impossível na sociedade dos índios, porque é aquela terra, onde viveram seus ancestrais, onde estão mortos os seus ancestrais, é aquelas terras, especificamente, que têm um valor fundamental dentro da ~~xxxxxxxx~~ cultura desses povos. Para os povos mais sedentários estas terras são mais importantes ainda, para os grupos nômades, como os caçadores caigangues tradicionais já um pouquinho diferente ~~xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx~~ de significado, aliás, é um significado diferente, mas o território não tem esses limites que teriam para nós. De modo que a vida dessas populações, tan-

FIGURA 02 - LADO B

tanto guarani quanto caigangues significa dentro das reservas que está começando, que está preso, é como viver preso, porque ele está limitado por fazendas de vizinhos, a área tem os seus limites, inclusive, limites bastante ~~incrustados~~ ^{ENCRUSTADOS} a partir de 49.

Bom, com o desaparecimento das florestas e com as destruições, então, de todos os recursos, ~~pois~~ é impossível mesmo eles continuarem praticando os seus meios de vida tradicionais. Isto é o que a Professora Cecília Helm falou, então, esta alteração no modo de produção da existência se operou em função desses fatores históricos que foram se acumulando, quer dizer, não só a expropriação da terra, mas, há o desmatamento e a dilapidação de todos os recursos naturais. A economia dos guarani, que era baseada em roça de coivara ainda é preservada, mas, é insuficiente, quer dizer, há uma série de novas necessidades que foram adquiridas nesse contato com o branco, mesmo porque roupas, calçados e uma série de artefatos hoje são necessários para a manutenção dos grupos e eles nem teriam matéria-prima suficiente para continuarem fabricando alguns objetos que eles normalmente faziam.

Bom, desta maneira nós podemos dizer que tanto os caigangues como os guaranis estão completamente atrelados e dependentes da economia regional, quer dizer, não há mais autonomia econômica e também não há mais autonomia política, não só porque eles não têm autonomia econômica mas porque existe aí a ^{INTERMEDIÇÃO} ~~interligação~~ da FUNAI, que é o tutor imposto, então, pelo Estado brasileiro. Bom, em função da alteração ^{da produção} material de subsistência uma série de atividades cerimoniais e rituais também foram desaparecendo, por quê? Esses cerimoniais existiam dentro do círculo econômico tradicional, quer dizer, não ocorriam separados da economia, porque a ^{ECONOMIA} ~~autonomia~~ da ~~atividade~~ ^{sociedade} indígena é embutida, é encrustada no social geral, ~~queixadixex~~ então, uma coisa não se separa, nós é que separamos economia de outras atividades, mas, na vida das populações indígenas a economia não se separa dos ~~outros~~ aspectos sociais. Desta maneira, mesmos os cerimoniais, os rituais

rituais, também foram aos poucos desaparecendo e hoje os caigangues do Paraná não fazem mais a cerimônia que nós conhecemos ' que é o quiqui, não é? Parece que em Santa Catarina ainda é preservada já com ~~uma~~ uma alteração de significados, mais como ' uma lembrança. Também a economia está desorganizada, a economia tradicional está desorganizada. Então, uma série desses rituais ' desses cerimoniais, já não mais são feitos anualmente. Bom, eu ' estou falando isso, porque há uma discussão, principalmente das pessoas leigas, usando o argumento de que nós não teremos mais ' índios, que o sul do Brasil não tem mais índios, só na Amazônia ' que tem. Então, que essas populações indígenas que estão ~~vivendo~~ vivendo já inseridas ~~na economia regional~~ dentro da economia regional não seriam índios. Eu mais adiante vou discutir o conceito de índio, o conceito de comunidade indígena, para demonstrar, exatamente, que não é bem assim. Nós temos populações indígenas ' sim, porque o que conta é a identidade e a origem. Então, nós ' vamos tentar definir ~~mais~~ no final, eu vou falar das condições ' gerais para fecharmos, então, mais no final. Bom, se então a ' gente pensar na economia indígena nós sabemos que tanto os guaranis quanto os caigangues já perderam autonomia e estão quase que quer dizer, não há muita diferença, pelo menos a nível de aparência, não há diferença entre camponeses nacionais e camponeses ' indígenas. Se olharmos também para a habitação indígena, se a ' gente for onde estão os indígenas, nós verificamos também que não há muita diferença entre as habitações indígenas das habitações dos camponeses...

casas
camponeses, são ranchos, são (?) ou de madeira ou de (?) e inclusive existe casas da Cohab em algumas reservas e onde a FUNAI fez convênio com a Cohab. Eu até gostaria de falar sobre um aspecto que eu tenho observado e que mostra exatamente o que é essa pequena violência, essa micro violência que ~~que~~ deve se somar para perceber que isso acontece em todos os aspectos da vida do índio. As casas da Cohab, por exemplo, a onde existem não têm nada a ver com as casas tradicionais dos índios. Quer dizer, não houve nenhuma pesquisa sobre as casas tradicionais, sobre a divisão interna, o uso da casa, a forma como eles usavam. Então é uma casa padronizada e hoje nós temos casa da Cohab e ao lado um ranchinho. Então nós temos famílias inclusive que vivem na dupla residência, a casa ^{Cohab} de um lado e o rancho do outro lado coberto de sapé, a onde ele cozinha, onde fica a maior parte do tempo e a casa da Cohab onde ele guarda seu material e ~~de~~ ^{dorme} de noite. São casas que não tem conforto nenhum, muito quente de dia e muito fria de noite, não são nada saudáveis. Mas isso mostra realmente como os planejadores, como os administradores da questão indígena em Brasília não conhecem. Eles que são os tutores desconhecem a realidade dos índios. Eles não respeitam os costumes dos índios.

As aldeias que estão dentro das reservas elas são feitas à moda ocidental, é uma rua, casa dos dois lados. Não tem nada a ver com a organização social dos guaranis ou dos caingangues. Os guaranis costumam morar em núcleos habitacionais, que são núcleos de parentescos, são núcleos dispostos por grupos de parentescos geralmente os filhos vão se casando e vão fazendo as casas perto das casas dos pais. E os núcleos são distantes uns dos outros, no ~~final~~ finalzinho a gente percebe muito bem a existência de dois núcleos um mais antigo e um mais recente. Em ~~Br~~ Brão de Antonina em São Jerônimo também ~~aprox~~ nós percebemos isso naquelas populações que não tiveram as casas da Cohab, que preferiram morar mais para o fundo das reservas. Então isso é preservado quando eles têm essa liberdade de preservar. Os...

Os caingangues por sua vez o costume é diferente. São dois grupos culturais diferentes: guaranis e caingangues. Os caingangues costumam morar longe também um do outro, no meio do mato de preferência e bem escondido, no meio do mato a cerca de 200, 300 metros da água, eles escolhem um canto, fazem um rancho e moram e são bastante espalhados, moram espalhados. Isso também se percebem em Barrão, em São Jerônimo, em alguns locais da periferia de Apucarana também a gente vê que algumas famílias preferem morar longe da sede onde tem essas casas. Então a gente percebe, desde que as condições lhe permitam, eles voltam a recuperar os seus, preservar os seus costumes. Eu gostaria de falar também da educação indígena que é uma questão seriíssima.

^{DESDE A CONSTITUIÇÃO PASSADA}
 Com relação à educação básica existe um artigo em que diz que as populações indígenas podem ter uma educação não só em língua portuguesa mas também na língua nativa e adequada, dentro de metas adequadas com a realidade. E isso nunca foi obedecido. Então o que nós temos realmente é o seguinte quadro: os prédios escolares são precaríssimos, mas de uma precariedade que somente a ^{capacidade} dos professores locais que acabam tendo que enfrentar as insuficiências, têm que improvisar o tempo todo, ou é uma sala só para todas as classes que têm horários diferentes, ou então tem que pegar ~~de~~ ^{COZINHAS E DIVIDI-LA NA METADE.} ~~vila...~~... A escola é uma sala só, a professora cozinha faz a merenda junto, está dando aula faz a merenda. As condições físicas são precárias. ^{AGORA, PARECE QUE EM TODA A ZONA RURAL É PRECÁRIA,} Na situação indígena a coisa se complica mais quando se pensa em termos de dados, nem todas as escolas têm monitores bilingues. E o professor de primeiro grau dá a mesma aula com o mesmo material didático que as nossas crianças têm aqui na cidade. As mesmas cartilhas com os mesmos conteúdos. E nós sabemos que os conteúdos estão completamente distorcidos com relação à imagem do índio e à imagem do livro. Então vejam, essas crianças segundo depoimento dos professores das reservas do norte do Paraná, que nós fizemos um ^{ENCONTRO} ~~todo~~ de todos os professores monitores no Norte do Paraná, e no depoimento deles o grande problema dos professores é a evasão ...

de escolares, porque as crianças não se interessam pela escola porque o assunto não tem nada a ver com a realidade deles. ^{NÃO É ADEQUADO} Não falamos deles, eles não aparecem nos livros didáticos, mesmo para as nossas crianças a imagem que eles têm do índio é de um índio do passado, é de folclore. E pela Constituição então os índios deveriam ter uma educação bilingue, deveriam ter um material adequado à realidade deles. Mesmo que isso esteja garantido no papel isso na realidade não ocorre. E a continuidade, a partir da 4ª série não há nenhuma garantia, porque as crianças estudam até a 4ª série, isso ~~para~~ aquelas que conseguem chegar na 4ª série. E a partir da 5ª série elas teriam que fazer fora da reserva e aí, realmente, com muito custo algumas crianças conseguem viajar mas acabam perdendo, tem tantas faltas porque a estrada fica ruim ~~no~~ no dia de chuva, não tem condição, então essa continuidade que é garantida a todos os brasileiros, na Constituição, também não ocorre.

Então eu vejo a questão da educação em dois níveis aí. De realmente se viabilizar e isso o Estado pode assumir, colocar mais esse direito de uma educação adequada. A UEL está fazendo agora um projeto de estação bilingue com linguistas estudando a cultura caingangue, a língua caingangue montando a história então dos caingangues contada por eles como material didático para que essas crianças possam, realmente, se interessar e entender que a história que eles estão ouvindo - é a história aonde eles são personagens também, estão presentes. Esse é um lado da questão, o outro lado é a questão da educação em geral que está sendo feita a todas as crianças das escolas do Brasil. E as das escolas do Paraná. Então gostaria até de dizer que existe um livro chamado "A questão indígena", na sala de aula, feito exatamente para professores de primeiro e segundo graus, aonde há pesquisas científicas feitas, existem propostas de uma reformulação do conteúdo desse material didático que as nossas crianças estudam: tanto com relação à questão do índio quanto à questão do negro, é um livro, eu até trouxe o livro, se houver interesse. ~~É~~ É um livro...

publicado pela Brasiliense, organizado pela ^{JACY LOPES DA SILVA} ~~que~~ que é uma antropóloga professora da USP com vários textos e com propostas concretas de como essa reelaboração, essa reformulação poderia ser feita. Então é um material de alto nível, de alto gabarito, feito por pessoas respeitáveis, reconhecidas pela comunidade científica. Então são 2 níveis que ~~teriam~~ ~~xxx~~ que ser tratados. A própria sociedade brasileira aqui no conjunto que tem ^{que ser reeducado,} ~~que~~ de estudar uma outra história, recriar a história verdadeira e não a oficial, teria que ser ~~é~~ revisto isso ~~é~~ e a educação do índio que deve ser dada para as comunidades indígenas.

Existe também um material aqui feito por um professor da Un.Federal do Paraná e que foi feito também para os professores de 1º e 2º Grau e eu em Londrina fui chamada, mas eu fui convidada para, no ensino de 2º Grau, falar sobre a questão indígena na semana do índio do ano passado e verifiquei que as escolas desconhecem esse material. Quer dizer, não utilizam. É um esforço feito por pessoas interessadas em colaborar e há um desconhecimento, chama-se : " Índio do Paraná ", falando sobre os Xetás, os Guaranis, os Caingangues. Esse material desconhecido ... lá em Londrina nós fizemos xerox (...) , pelo amor de Deus, é uma questão que tem que ser inserida no currículo normal, não é só no Dia do Índio que ~~você~~ vocês chamam a gente para falar ... (término fita 2 lado B)

sobre o índio. Todo o dia é dia de índio. É uma coisa que tem que ser reformulada. E nós temos um material bastante vasto. Já existem várias publicações, várias reflexões dos anos de 70 para cá e nos últimos anos de 80 para cá...

COMISSÃO ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL

19/04/89

EZ

-1-

FITA -3-

LADO -A-

A SRA. ~~KIMIE THOMAZINI~~ ^{de 80} nos últimos anos para cá, de 80 para cá, então a numeração aumentou; pesquisas antropológicas, infecções antropológicas e trabalhos de juristas especializados na questão marcam várias publicações. Então, no fim fica restrito, digo, a / leitura fica restrita a um grupo de pessoas, meia dúzia de pessoas de cada Estado. Eu acho que, isto teria que ter, a questão indígena tem que ser assumida por toda a sociedade brasileira; não é uma questão da FUNAI; a FUNAI é uma Instituição criada pela sociedade, mas, é um / problema de todos nós; e, me parece que de repente a sociedade / brasileira, em geral, analisa o índio como não sendo uma questão de todos nós; claro que é de todos nós, claro que é nosso problema.

É um problema de todos nós; Agora, outra questão fundamental em relação às necessidades ^{das pesquisas indígenas} às escolas, é realmente a carência de / professores que trabalham nas áreas, e a carência ~~de um ano todo~~ de monitores de língua. A maior parte ^{das pesquisas} ~~dessa área~~ não tem um monitor de língua. Nós temos um, São Jerônimo, numa situação, que eu não sei nem~ adjetivar. Nós temos um monitor bilingue, só que é monitor bilingue ^{de língua} caingangue. ~~...~~ Lá tem dois grupos, os guaranis e caingangues.

As crianças, tanto guaranis quanto caingangues têm aula com este monitor caingangue. Então; outro setor básico constantemente reivindicado, é a questão da saúde. ^{JÁ FOI DITO QUE HOJE} ~~que haja~~ uma melhora nas condições sanitárias, enfim, na questão toda de saúde; houve uma melhora neste aspecto, mas, na verdade a situação é muito precária,

Eu acredito que até ^{esse} um dos problemas mais sérios, Há poucos profissionais na FUNAI, que trabalham na FUNAI, me parece que nós temos um médico em Londrina, um dentista em Bauru, para atender toda essa população. Há também falta de antropólogos, de profissionais ^{DE ANTRÓPOLOGIA} como o próprio trabalhador ^{QUE PRESTA SERVIÇOS} ~~já deve ter visto~~ na própria FUNAI.

Então, a questão da saúde é uma questão pública. Estive / conversando com uma liderança indígena, aliás falecido recentemente, que dizia o seguinte, que na década de 50, a própria FUNAI perseguia /

19/04/89

EZ

-2-

FITA -3-

LADO -A-

os curandeiros, indígenas, que usavam medidas caingangues. Eram perseguidos; ^{HOJE OS INDÍOS CAINGANGUES JÁ ESQUECERAM A MEDICINA CAINGANGUE} ~~já esqueceram as medidas caingangues~~ e não têm acesso à medicina alopata, ^{A MEDICINA DO BRANCO.}

Então, ele está realmente, inteiramente desprotegido, porque ele não tem mais aquilo que poderia realmente ajudá-lo. E hoje a FUNAI não tem estrutura para assumir essas responsabilidades, então, a situação é a mais precária ^{do} que vocês possam imaginar.

Acho que faltava ainda falar da FUNAI; que ~~ele~~ é encarregada da tutela, digo, esta Instituição é encarregada da tutela ^{das populações indígenas} e eu tenho que falar da FUNAI, ^{ENQUANTO} ~~que falta~~ estrutura, ^{QUE FOI MONTADA} ~~que~~ é encarregada ^{então} da administração de todos os problemas ^{das populações indígenas}, porque esse realmente é um grande problema para ser resolvido.

Esse controle que a FUNAI exerce sobre a comunidade indígena, é um controle que tem prejudicado os índios, porque, a assistência que a FUNAI vem dando tradicionalmente, parece que, há uma política de mudarem; atualmente há uma tendência ^{MUDE} à realidade. Mas, tradicionalmente a FUNAI tem dado um tratamento assistencialista; criou assim uma dependência muito grande das populações indígenas em relação à ela, e, ela não tem estrutura então, para dar essa assistência, e os índios estão / realmente, hoje reduzidos a uma situação de dependência absoluta.

Então, eu hoje fico pensando assim, aquilo que a Constituição dos índios, que os índios são relativamente capazes, acaba sendo traduzido, realmente, porque toda política tem sido no sentido de reduzir a sua capacidade de resolução, de decisão.

Então, isso acaba acontecendo na prática; e, há um movimento então, hoje, em todo o País, de rebelar-se contra esta situação. As lideranças, apesar da FUNAI, continuam emergindo e continuam se organizando. Quer dizer, há momentos em que as lideranças conseguem organizar as situações; há uma conscientização maior das comunidades e, é a partir dessa conscientização que está havendo, até mesmo por parte da FUNAI, uma reformulação interna.

Não sei até que ponto a FUNAI, a resistência interna vai ser maior ou menor; mas, a própria FUNAI hoje, não conseguiu dar conta

não conseguiu dar conta, do seu papel, porque na verdade, os fatos mostram que a tutela tem se dado ao contrário, não é, desproteção, e tem sido um órgão contra ^{OS INTERESSES INDÍGENAS} ~~(inardável)~~...ela está plenamente desacreditada não só pela população indígena, mas, por toda a comunidade antropológica.

Então, eu vejo uma necessidade assim de que, a FUNAI seja realmente muito corajosa em si, e tenha que fazer uma auto crítica muito corajosa também. Não sei se, neste momento ela vai ser reservada aqui, ou não, mas, de qualquer maneira ela, a FUNAI tal qual ela se apresenta, é impossível de ela continuar. (PALMAS)

Colocadas estas questões, que são os problemas ^{DAS POPULAÇÕES} ~~bastante vi-~~ ^{INDÍGENAS} ~~íveis~~, e eu quando falo em FUNAI não estou falando das pessoas, estou falando da estrutura, porque eu conheço ~~todos~~ ^{PROFESSORES} os ~~problemas~~ das reservas, eu conheço ~~todos~~ ^{ALGUNS} ~~os~~ funcionários ^{QUE MORAM} ~~que moram~~ ^{em} ~~nas reservas~~, que são funcionários da saúde, mas, que realmente, ^{ESTÃO} ~~sem~~ condições de trabalhar porque tudo depende de Brasília, e eles tratam a questão/ condição indígena exatamente, como se todas as populações fossem iguais. ~~E O REFERENCIAL É SEMPRE O REFERENCIAL DO BRASIL~~ ~~E teve um padrão assim interessado (inardável)~~...Não estou falando das pessoas, estou falando da estrutura, de uma estrutura que tem que, acho que tem que ser virada de ponta cabeça.

Eu queria então, tentar comentar, amarrar um pouco mais esta minha fala, dizendo então o seguinte: que existem aí alguns aspectos visíveis, qualquer pessoa ^{QUE FOR NA RESERVA} ~~vai~~ ver que condições vivem ^{OS ÍNDIOS} ~~eles~~; e, que são as / piores possíveis; são um padrão baixíssimo de vida. A fome é um fator / presente na vida deles; a falta de roupa, para as crianças irem para a escola também; pois, eu já estive numa família, e me disseram que a / criança não ia para a escola porque não tinha sapatos, não tinha roupas, e assim sendo, não há as mínimas condições.

Então, eu gostaria de retomar aqui, simplesmente para dizer o seguinte: o que significa essa aparência, que a gente viu. Essa situação é uma situação com pressa, não é uma invenção. Todo mundo, e as lideranças estão aí, e poderão inclusive confirmar as minhas palavras, ~~eu não,~~ ~~e o que eu gostaria de dizer, é que os índios por culturalmente terem adquirido um enorme significado, por terem alterado essa economia, eles~~

A SENHORA KUMIE - ... minhas palavras e o que eu gostaria de dizer aqui ~~é~~ é que os índios, aqui do Paraná e do Sul do Brasil, apesar de culturalmente terem adquirido novos significados, de terem alterado a sua economia, de terem deixado de fazer as suas ~~cerimônias~~ cerimônias, eles não deixaram ~~de ser índios~~ de ser índios, por quê? Usando, então, uma afirmação da Manuela Canedo da Cunha ela vai dizer aqui que cultura, umas das características da cultura é que ela é continuamente recriada, língua, ritos, crenças, artefatos materiais, são partes de culturas vivas e como tais sujeitas a mudanças ~~históricas~~ históricas dentro de lógicas que lhe são próprias. Então, os ~~Caingangues~~ ^{Caingangues} (?) e os Guaranis neste sentido, dentro deste contexto aqui desenvolvido pela Professora ~~Cecília~~ ^{Helm} Cecília ~~Reine~~ (?). Então, dentro do contexto histórico em que se inserem produziram a cultura Caingangue e Guarani de hoje, reiventado, recriado e reinvestido de novos significados, que ~~caracterizam~~ caracterizam a dinâmica da produção cultural dos mesmos. Assim, mesmos que tenhamos um caingangue vereador, um Guarani Vereador, ou os índios ~~trabalhando~~ trabalhando como bóias-frias ou até como tratorista enfim, aviador, piloto de avião. Então, ele não vai deixar de ser guarani, não vai deixar de ser Caingangue.

Mas, ainda citando a mesma autora ela diz que fatos culturais poderão variar no tempo e no espaço, como de fato variam sem que isso afete a identidade do grupo. Então, que é a identidade do grupo. Então, nós temos hoje uma definição de identidade étnica. Então, as formas vigentes hoje, aceita por toda comunidade científica define grupos étnicos com forma de organização social em populações cujos membros se ~~identificam~~ identificam e estão identificados como tais pelos outros, constituindo na categoria ~~distinta~~ distinta de outras categorias de mesma ordem. Daí temos o seguinte: que comunidades indígenas são aquelas comunidades que se consideram distintas da sociedade nacional em virtude de uma consciência de suas continuidades históricas com sociedade pré-colombianas. Eles tem então, uma ou-

outra origem histórica. E é índio quem se considera pertencente a uma dessas comunidades e é por elas reconhecido como membro.

Para encerrar, eu gostaria de dizer que apesar das aparências mosttarem que os índios hoje parecem-se muito mais que camponês, nós temos no Paraná comunidades Caingangues e comunidades guaranis, assim como temos índios caingangues e índios guaranis.

Mais ainda eu gostaria de enfatizar a omissão da sociedade brasileira quando se trata das questões dos índios. Isso é realmente para relembrar mais uma vez aquilo que eu já falei, quer dizer não é um problema da FUNAI ou de algum órgão que venha substituir a FUNAI, é um problema da sociedade, a sociedade tem ~~se~~ se omitido porque há um órgão encarregado da tutela. Mas, é um problema que tem que ser assumido por todos os segmentos da sociedade nacional e eu acho que é isso que as lideranças ~~XXXX~~ indígenas já perceberam. Elas viram que esperar da FUNAI alguma alteração da sua situação ~~XXXX~~ seria perder tempo. Então, eles começaram a solicitar de outros ~~XXXXXXXXXX~~ segmentos uma contribuição para que eles possam alterar concretamente o que eles querem, é realmente isso: melhorar as condições de vida que eles têm hoje, as condições de saúde, de educação, de cultura, enfim, todas essas condições que todos nós queremos que melhore para todas as populações.

Então, eu encerraria por aqui e ~~XXXXXX~~ ~~XXXXXXXXXXXX~~ estaria disponível para os debates.

(PALMAS)

A SENHORA PRESIDENTA - Houve uma omissão aqui da Mesa eu deveria ~~XXXXXXXXXX~~ convidar também para participar a Inair, representando a Casa Latino Americana.

(PALMAS)

Passo a palavra ao Senhor Batistela...

A SRA. CECILIA - ... Passo a palavra a Sr. Batistela.

O SR. BATISTELA - Eu gostaria de agradecer a feliz oportunidade que tem tido a Assembléia Legislativa de propiciar esse momento para os índios, para os indigenistas e para os pensadores da questão ~~tem a questão~~ indígena e a todos aqueles que de uma forma ou outra têm colaborado com essa questão tão complexa e diversificada.

(Lê) A PRÁTICA E A POLÍTICA ...

A PRÁTICA E A POLÍTICA INDIGENISTA REALIZADA PELA FUNAI
NO SUL-SUDESTE BRASILEIRO

Segundo José Claudinei Lombardi, "Antes de mais nada é preciso que se entenda que ao longo da História do Brasil, que é a história da expansão e do desenvolvimento do capitalismo, as relações entre índios, por um lado, e "brancos", de outro, têm-se caracterizado pelo conflito, tendo por palco principal a luta pela posse da terra. O problema tem que ser encarado sob o prisma dos envolvidos: para os índios, os brancos liquidam as últimas possibilidades de uma vida autônoma ao invadirem seus territórios tribais; para o branco, a questão se coloca em termos de não ser possível parar com a expansão e o desenvolvimento da civilização, onde o índio aparece como aquele que domina terras virgens, férteis e abundantes em recursos, criando dificuldades para que as terras, por eles ocupadas "improdutivamente" sejam ocupadas e possibilitem a realização da acumulação de capital para a promoção do desenvolvimento.

Sabe-se, porém, que os julgamentos de valor não podem ser deslocados da totalidade social em que são engendrados, e que, por isso mesmo, a questão indígena, tal como é revelada pela forma de pensar dominante, está carregada dos conceitos pré-concebidos presentes na concepção civilizadora de nossa sociedade. Nesta, os "brancos" são apresentados enquanto os possuidores da verdadeira civilização e os índios ignorantes que precisam ser domesticados. O denominador comum que caracteriza uma ideologia dominante, reside no fato de que apresentam uma falsa realidade, através da qual fogem à verdade incômoda de ter-se que reconhecer que a práxis sócio-econômica da sociedade brasileira, por ser classista, é de exploração. Exploração que só é possível quando uma classe se outorga no direito de se constituir como dominante".

O SR. BATISTELA - (Termina de Ler) ... constituir como dominante.

A criação da Funai, isso já foi abordado, criada em 1.967 apenas em substituição ao Serviço de Proteção aos Índios que durou 57 anos e no seu final foi amplamente criticado no Brasil e no Exterior.

A atuação da Funai. A Funai começou a atuar mais precisamente em 73 com exatamente a criação do Estatuto do Índio, uma lei que viabilizaria a prática do indianismo, isto não foi verdade. A tutela que garantia a liberdade dos índios se tornou cerceadora da mesma pela falta de proteção e assistência que a Funai deveria dar às comunidades indígenas. As terras estavam todas ocupadas praticamente por não-índios e essa ocupação se dava principalmente pelo sistema fundiário regional, pelo arrendamento de terras amparado pela lei anteriormente do serviço de proteção aos índios.

A qualidade das terras, as condições da forma climática dos sul brasileiros eram muito favoráveis para o ~~desenvolvimento~~ desenvolvimento da agricultura. A importância da agricultura no contexto sócio econômico regional, o tipo da agricultura praticada e principalmente o argumento que tinha a sociedade envolvente de que existia muita ~~xxx~~ terra para os índios e não utilizadas sobre a ótica produtivista normalmente. Os índios trabalhavam em levas para a agricultura regional. Comunidades todas eram tomadas como o caso de Votoran, no Rio Grande do Sul, pela sífilis que traziam para dentro da área no momento em que saíam para trabalhar fora. A subnutrição determinava uma alta taxa de mortalidade infantil e as populações permaneciam estagnadas quando não em fase de depopulação e essa depopulação ocorria principalmente pela indisponibilidade das terras. As ~~xxxx~~ terras embora indígenas estavam nas mãos de brancos a indisponibilidade de outros meios naturais de sobrevivência ...

O SR. BATISTELA - ... meios naturais de sobrevivência, caça, pesca, coleta eram impossíveis de praticar. A carência estrutural da FUNAI determinada pela falta de orientação, proteção e assistência, a falta de política de medicina preventiva e a inexistência de articulações em outros órgãos para o atendimento à saúde.

Em meados de 1970 um convênio com o Instituto de Estudos Linguísticos que a FUNAI realizou conseguiu determinar a grafia da língua kaigange, o que possibilitou um melhor desempenho na época pelo menos na área de Educação, com a formação de alguns monitores (?) bilíngues, estendendo-se hoje para outras áreas.

No ano de 1976 a FUNAI instalou serrarias em áreas indígenas em número de 5, visando retirar recursos dos pinheiros das áreas indígenas para financiar projetos em outras regiões do Brasil e aqui também .

A partir de 1977 passaram os índios a receber uma certa assistência da FUNAI, embora com recursos oriundos dessas riquezas naturais das áreas. Mas esses projetos da FUNAI receberam uma oposição muito grande de indigenistas na época e também de lideranças indígenas, e isso se acentuou com o apoio inclusive do indigenismo alternativo à época, até o momento em que em 1979, a pedido de duas lideranças hoje já não mais existentes, que é o Ângelo Cretã e o Norberto Gabriel ~~xxxxxx~~ do Paraguai e a sua liderança em Mangueirinha, solicitaram o fechamento desse projeto econômico da FUNAI, no qual nós temos solicitado a intervir para fechar. As serrarias foram fechadas à época.

Mas em 1978 pintava-se um quadro, um movimento contra exatamente a ocupação das terras pelo não-índio. E esse movimento recebeu dos brasileiros um apoio bastante amplo, dentro e fora do pessoal que trabalhava com a questão indígena. Então, em 1978 começou exatamente o processo de retirada dos não-índios da área indígena do rio das Cobras aqui no Paraná, passando posteriormente para Uanoai no Rio Grande do Sul, Chapecó (?)... e outras reservas indígenas.

Em 1980 no início do ano faleceu uma das grandes lide

ranças Kaiganges do Paraná e também do Sul que foi o Ângelo Cretã e logo após faleceu o Norberto Gabriel, outra grande liderança expressiva, mas guarani.

Então, esse trabalho passou a perder um pouco a articulação a nível dos índios. Seguiram-se anos de organização, de realização de trabalho a nível de campo, muito embora a FUNAI, com a lentidão de toda a máquina administrativa pública, não conseguia dar resposta a uma característica cultural do índio, que é o imediatismo. Ele exige uma resposta muito mais rápida das coisas, e a FUNAI não respondia, a FUNAI estava em Porto Alegre e os índios estavam a 300 km. de Porto Alegre, a FUNAI estava em Curitiba e os índios estavam longe de Curitiba.

Então, havia, além dessa falta de estrutura, uma morosidade muito grande na resposta às solicitações.

Então, decide-se após muitos conflitos e até em 1985 chegando à invasão, depois sequestro de funcionários, um conflito sério entre lideranças indígenas, índios e a própria FUNAI, invasão da FUNAI em Londrina, e decide-se por uma reestruturação e descentralização administrativa na FUNAI. Na época o Presidente da FUNAI, José Meirelles (?), lançou esta ideia junto ao Ministério do Interior e a Presidência da República para que atingisse esse objetivo e houve então a Superintendência Executiva da FUNAI, e aqui ficou a sede do indigenismo oficial, há 78 anos Curitiba coube a ~~XXXX~~ 1ª Superintendência Regional com os dois Estados, Rio Grande do Sul e Santa Catarina para o Sul e para o norte os Estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Após colocados que fomos após trabalhar 9 anos a nível de campo com essas comunidades, principalmente do paralelo 24 para baixo do Sul do Brasil, nós ouvimos as 52 lideranças indígenas sobre suas prioridades e necessidades básicas. Eles identificavam ~~como~~ como prioridade 1 a demarcação das terras, prioridade dois...

O SR. BATISTELA - ... as demarcações das terras, prioridade 2 os projetos de desenvolvimento comunitário. Porque a demarcação da terra. Exatamente eu poderia estabelecer uma correlação, hoje, com o trabalho da Profa. Ceci lançado em 74 que foi pesquisado em vários anos com dados de 63 até 67 sobre a população indígena do Paraná e também à quantidade de ~~terras~~ terras que eles habitavam à época ou que tinham posse à época. Os índios do Paraná em 74 eram em número 2634, passado exatamente essa época depois da desocupação das terras e quando se iniciou um processo de desenvolvimento comunitário ainda que incipiente, ou ainda que não dentro do nível desejado pelos pensadores da questão indígena, porque nós procuramos ouvir as lideranças indígenas para elaborar todos esses Projetos. Em nenhum momento mais se passou a FUNAI a impor no sul brasileiro em cima dos índios. As 52 lideranças são testemunhas desse trabalho que executamos, muito embora os recursos, os meios não estejam à altura daquilo que nós desejamos realizar para os índios. Eles sabem perfeitamente, que a FUNAI, nunca impôs, depois dessa época, a sua vontade em cima dos povos indígenas.

Hoje, passado então, passados exatamente 12 anos os índios do Paraná somam 6568 indivíduos. E as terras que eram num total de 59 mil 745 hectares, hoje são 81 mil hectares. A dificuldade de um indianismo prático para chegar a isto é um desafio. É fácil para nós colocarmos essa situação à distância, é muito difícil enfrentarmos 7 mil invasores dentro de uma reserva, para retirá-los dessa área, no momento em que há conflitos sociais sérios e programas de ordem social séria. No momento em que o indianismo deseja há outras forças que não desejam aquilo que nós queremos.

Mas chegamos a este quadro neste momento. Nos Estados do Paraná, Sta. Catarina e R.G. do Sul, São Paulo e Rio existem 47 terras ocupadas pelos índios, num total de 179 mil 512 hectares, dos quais 150 mil 623 se acham demarcados, algumas reservas ainda para aviventação, porque as peças técnicas que correspondiam a esse reserva como : palmas e Mangueirinha no Paraná, elas desapareceram

no ano de 75 quando incendiou o Ministério da Agricultura e nós não temos as peças técnicas agora. Então hoje, embora se tenha documentos anteriores a isto, o que nós precisamos como planilha de cálculo para chegar a um decreto que hoje determina, o Estado, nós, precisamos do levantamento topográfico a nível de área. O Paraná conta com 17 terras indígenas e com esta população já indicada. Apenas para abordar um assunto coloca antes, os (~~chapas~~ ^{DETÁS} ?) são em número de 7 - duas mulheres e 5 homens, vivendo um na reserva de Guarapuava, 2 na reserva do Rio das Cobras, 1 no Município de Turvo, soldado da PM, 2, um homem e uma mulher fora das reservas no Noret do Estado casados com não ~~pi~~ índio e o Rondon que está conosco aqui hoje. Os caingangues que são a maioria dominante e também os guaranis. No Sul do Brasil nós temos hoje nessa área de 179 mil hectares, vivendo 22 mil 614 índios. Predominando a do índio caingangui correspondendo hoje, quer queira ou não, é a terceira nação indígena brasileira em população.

A taxa de crescimento anual dos índios desses estados é da ordem de 3,6. Significa que está um ^{ponto} ~~kakke~~ acima da média regional, está um ponto acima da média nacional. No Paraná o ...

O SR. BATISTELA - ... significa que está um ponto acima da média regional; está um ponto acima da média nacional. No Paraná o crescimento populacional é de 2.6 - dos índios 3.6 . No Rio Grande do Sul o crescimento da sociedade regional é de 1.55; a dos índios é de 3.6 .

Então os dados demonstram que realmente aquela fase de estagnação do crescimento da população indígena foi notificado quer queira quer não, embora, se errando até ~~xx~~ no destino da questão nós chegamos a este quadro hoje; e este quadro hoje se deveu muito à liberação das terras, se não de todo em parte aos índios.

E nesses últimos anos garantidas mais 11 reservas indígenas que a Funai não tinha chegado (?) até então. São as reservas Guaranis, do Litoral de São Paulo. A reserva do Ximbande (?) e esta foi mais no final de 1985. As áreas que já estão em poder dos índios, em Guarani Barra do Ouro, no Rio Grande do Sul; a área de Iraí no Rio Grande do Sul; de Rio da Varzea (?) que embora ainda em fase de demarcação final estão garantidas aos índios, que ocupam esta área definitivamente. E nessas áreas a Funai contrapondo-se um pouco tem um novo modelo de administrar as reservas, nós entendemos que era preciso modificar o indigianismo oficial preconizado até então e nós ficamos com a Funai fora das reservas. Em todas as áreas do Litoral de São Paulo a Funai está fora, da área de Icuí (?) também, do Ximbande, do Iraí... E a área de Guarani Barra do Ouro praticamente a assistência é prestada, pouco pela Funai e muito pela Associação Nacional de Apoio ao Índio. Então nós também procuramos buscar uma nova linha para conduzir o indigianismo oficial para o Sul e o Sudeste brasileiro.

O atendimento da Saúde indígena. Como é prestado? A saúde tem sido um conjunto de coisas. O problema do índio começou quando José de Anchieta veio ao Brasil curar a

sua tuberculose. E hoje como doença exótica, não somente a AIDS e outras, que apareceu em Santa Catarina, um primeiro caso e o segundo do Brasil, nós tivemos exatamente os reflexos da sociedade. A Funai sozinha não conseguirá evitar isso. A liberdade que estamos dando aos índios, já que não impomos nada, não empurramos os índios, não os seguramos, estamos procurando ampará-los no seu despertar, que seria exatamente recair na condição da tutela cerceadora da liberdade. Então o ir e vir do índio é um direito que devemos garantir e ele nesse contacto intermitente que realiza no Sul do Brasil, não poderá ser policiado.

Então a saúde é resultante exatamente de uma degradação do ecossistema onde as áreas foram invadidas por muito tempo, onde foi degradado a ~~sua~~ floresta, os solos depalperados, os rios carregam e levam nos seus leitos os pesticidas agrícolas jogados fora ~~nas~~ reservas; as bacias hidrográficas fornecem para as reservas indígenas exatamente isso também; a deriva dos pesticidas agrícola também atingem através do vento os mananciais de água e a alimentação natural dos índios. Então embora se tenha um ambiente mais intacto do que nós temos fora das áreas está totalmente prejudicado, salvo raras exceções, no Rio Grande do Sul, Sudoeste do Paraná, onde ainda a mata está preservada. Mas no momento em que ela é preservada ela também se torna um objeto de cobiça da sociedade ~~xxxxxxxxxxxxxxxx~~
~~xxxxxxxxxx~~

O SR. BATISTELLA : - ... Um objeto de cobiça da Sociedade envolvente principalmente do Mercado Madeireiro, que vê uma pronta receita em cima dessas matas, e que muitas vezes aliciam os índios e que tornam dificuldades estas, para as Lideranças e também para a própria Funai.

Na verdade após traçadas as diretrizes o ano passado, pela Funai, quanto ao atendimento a Saúde, quanto ao atendimento a Educação, quanto a atividade produtiva, nós começamos profundamente a atuar esse ano com os recursos aprovados dentro do que foi programado para atingir essas reservas. Todos os recursos dentro da própria área de educação, que nós entendemos não é satisfatória, porque não atende a especificidade da sua cultura, assumimos perfeitamente essa condição, isso foi objeto inclusive de monitores bilingües aqui em Curitiba no final do ano passado, e será objeto do encontro do início no início do mês em Londrina.

Então nós não estamos parados nas questões, nós queremos reverter esse quadro. Mas é uma herança muito séria que nós recebemos.

E esse conceito inclusive de Saúde, foi ampliado exatamente, para a questão da moradia, da habitação, da educação sanitária do vestuário, da higiene pessoal do lar, alimentação adequada, saneamento ambiental, o acesso a terra, a segurança, as condições de trabalho, a vigilância epidemiológica.

Então é impossível ter saúde, se o Índio não tem terra, se não tem moradia, se não tem uma condição de habitar digna.

O Índio não nos solicitou as casas, o índio hoje, com raras exceções foram exemplar indígena do (ininteligível), de um modo geral, os guaranis não querem entrar, por outro lado, os Caigangues solicitam as casas.

Exatamente são condições diversas que nós encontramos por quê? Porque está 30 graus a beira do fogo, atingido por doenças exóticas que não eram do seu convívio e que nós trouxemos, hoje ele sai pa

O SR. BATISTELLA : - ra uma necessidade a 6 graus negativos, e a pneumonia que não era dele e a tuberculose, aliada também a ainda séria, que é a dieta alimentar, que embora houvesse essa expansão populacional que não satisfaz, ela de maneira alguma atingiu o desejo que nós temos. Por quê? Porque a dieta alimentar do Índio ainda é deficitária, no momento que se rompeu toda a oferta ^{natural de} ~~alimentar~~ ele se vê numa condição de utilizar modelos, hábitos, costumes dos regionalistas para buscar o seu sustento, e essa é uma realidade que infelizmente nós temos que enfrentar.

Nesta área da Saúde a Funai exatamente em toda essa Região é pequena, porque o Governo impede, exatamente atitudes administrativas, é impeditivo nesse momento. E a Superintendência conta com 45 enfermeiras a nível de reservas, 4 médicos, 3 dentistas, 5 enfermeiras, 3 auxiliares de enfermagem, 43 atendentes de enfermagem e 8 ~~m~~ monitores de saúde.

Na área odontológica se encontra o maior problema e exatamente decorrente da grande extração que se verificou ao longo dos anos no dente dos índios. Mas há uma resistência cultural para isso, temos sentido muitas vezes que os índios para colocar próteses e é as vezes impossível chegar, porque essa é uma vontade cultural, e ele tem resistência a isso.

Mas ^{faz} ~~de fato~~, tem 3785 escolares, recebem cada um, uma escova dentária, um copo plástico e fazem semanalmente também o bochecho com fluor.

Isso nós estamos fazendo em todas as crianças além de já ter implantado 11 tipos odontológicos dentro dessas reservas indígenas, para que o atendimento se faça lá dentro dessas áreas.

Atendimento a educação indígena, a população nós reputamos como grande importância doravante para a questão indígena Sul Brasileira, a Educação. É ~~preciso~~ preciso investir tudo na educação indígena, é o nosso entendimento.

Com a limitação das terras, com o crescimento populacional, para onde iremos nós. Para onde irão os índios, não podemos forçar a ...

O SR. BATISTELA: ... Não podemos forçar a viver da agricultura, não podemos forçar a viver da pecuária. Nós temos que oferecer mecanismos para atender à sua aptidão. Então, dentro da educação é que nós vamos procurar buscar isto. Mas, têm uma população de pré-escola a 1º grau, de 3726 alunos. São 65 escolas que existem nestes Estados e o corpo docente envolve 111 professores e 41 monitores bilíngues. Confirmo o que se falou anteriormente de que o número de bilíngues não atende às necessidades das escolas. Estamos plenamente de acordo com isto.

Quatrocentos e trinta e três alunos bolsistas de 1º e 2º graus vêm estudando fora das reservas. Agora, nós estamos criando, pela primeira oportunidade, em Chapecó, Santa Catarina, porque 70 alunos eram levados para fora das reservas, a primeira escola até a 8ª série. Mas, funciona agora até a 6ª série, mas que será até a 8ª série. E foi a primeira escola que nasceu, até hoje, dentro da reserva indígena, para atender a este segmento.

Os professores são vinculados tanto a FUNAI como à Secretarias Estaduais, Municípios e também nas demissões. A nível de coordenação educativa, trabalham seis programadores educacionais da FUNAI em toda esta região, em todos estes cinco Estados.

Nós estamos promovendo vários encontros de reciclagem dos profissionais da área e também procurando criar, junto à cada secretaria de educação, onde já tem formado no Rio Grande do Sul e está encaminhado em Santa Catarina um núcleo de educação indígena. Mas, vamos atingir, possivelmente, a todos os Estados, exatamente para observar esta especificidade que nós queremos que chegue junto à educação nestas reservas.

Temos as diretrizes, mas não vou abordá-las, porque se tornaria muito extenso, na área de educação.

A agricultura dos índios é a principal fonte de renda indiscutivelmente, das comunidades indígenas, garantindo a subsistência. Já praticou a agricultura de tal sorte que produz excedentes para comercialização, com vistas a ~~produção~~ aquisição de produtos não produzidos ~~internamente~~ pelo grupo. Ele tem necessidade de vestir, de calçar-se, muitos compram relógio, mobiliam casa e os índios estão fazendo isto. As práticas culturais ainda são rudimentares, a maior parte realizada no toco, tração manual e técnicas manuais, muito embora existam comunidades indígenas que pratiquem uma agricultura bastante mecanizada e modernizada. Por que isto? Porque é que ele pratica uma agricultura mecanizada? Por que a terra não cresce e a comunidade cresce. Se produzir sempre no sistema de rodízio, ele vai acabar comprometendo toda a floresta que tem, a mata que tem nas áreas, porque tem que cortar para quemimar. Então, a recuperação do solo exaurido se torna o mais importante, para não comprometer o auto-sustento, já que a recuperação se deve a não produtos tóxicos, ao cálcio, ao fósforo e potássio, permanente. E se não fizer isto, continuar no sistema de rodízio, ele compromete toda a

cobertura florestal, nas áreas que ainda existem. E naquelas que não existem é impossível se produzir, de tal forma, porque eles receberam dos não índios que intrusavam estas áreas, os solos exauridos. Precisa ser recuperado.

Mas, ao lado disto, tem crescido, também, onde há a agricultura mecanizada, a consciência dos técnicos e comunidades com relação aos recursos naturais, tal como o solo, a água, a mata ...

comissão de ordem econômica e social

mlm

19/04/89

17,15 hrs.

-1

O SR. ^{BATISTELA}~~XXXXXXXX~~:-... tal como o solo, a mata, a água, entre outros.

A cultura principal que é praticada pelos índios é a do ~~XXXXXX~~ milho, a grande cultura praticada pelos índios, o arroz o feijão, o trigo, a soja, amendoim e mandioca.

Outras atividades dentro da agricultura é o cultivo da amora, para sustentar a ~~XXXXXXXXXXXXXX~~ serrecultura, que é a cultura do bicho-da-seda, a horticultura e fruticultura. A fruticultura porque foi encontrado, dentro das reservas, o escorbuto, pela deficiência exatamente da Vitamina C, e era preciso produzir a fruticultura que pudesse sanr esta deficiência, muito embora estar aquém da necessidade.

A pecuária é ainda uma coisa recente para os índios, primeiro porque até o caigangue até deyerminados momentos tinha medo de boi, depois passou a usar no Rio Grande do Sul, por força dos regionais que usavam tração animal. Hoje eles praticam a pecuária de leite e a de corte, e diga-se de passagem que todos estes ramos da pecuária e da agricultura não foram impostos pela Funai, foi um desejo das comunidade indígenas.

Desenvolvem também a apicultura, a suinicultura, a piscicultura, só no Paraná, por exemplo, a ano passado foram construídos 20 açudes de peixe, estão previstos mais 18 este ano. Foram povoados com 90.000 alevino, o ano passado e estes 18 previstos com 130.000 alevinos.

Apesar dos esforços ainda existem sérios problemas com o abastecimento alimentar, há deficiência de produtos alimentares básicos, este problema é prioritário dentro das atividades previstas, para este exercício, enfim temos um grande receio, de se partir dentro da forma regional para a monocultura, é uma preocupação séria que temos, na diversificação destas culturas.

Existem grandes diferenças culturais entre as / tribos indígenas e ambiental, nas áreas do Sul, Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul e Sudeste, São Paulo e Rio de Janeiro. É / justamente estas questões que exigem um trabalho que observamos / ser a peculiaridade específica.

A degradação florestal, fruto do meio onde estão inseridos, sofrem ação do uso de pesticidas agrícolas que contaminam o leito dos rios e o ambiente geral. A degradação das florestas atingiu níveis significativas e em se tratando de reservas indígenas deveu-se principalmente aos arrendamentos de terra, as invasões poluentes, a limitação das áreas com o crescimento populacional, o feitiço e roças no sistema de rodízio de glebas, a atuação da Funai através das serrarias, a clandestinagem e as pressões dos hábitos regionais, não índios.

A Funai não explora madeiras em áreas indígenas / no Sul brasileiro. A ~~XXXXX~~ regeneração florestal é significativa e com ela aumenta a oferta de matéria-prima para a confecção de artesanatos.

Mais de 500.000 mudas de araucária e erva-mate já foram reflorestadas, nos últimos anos, e em pleno funcionamento estão três viveiros florestais produzindo, além dessas mudas o eucalipto, grevilha e ipê-peroba entre outras nativas sobre as quais recaem as preferências indígenas, apenas o eucalipto e a grevilha é / que não são nativas. Nós preocupados justamente em modificar estes / quadros. Nós estamos em vias de executar um levantamento sócio-econômico de todas as comunidades indígenas, já está tudo preparado. / Estamos em formação de um centro documental, a construção da memória indígena e indigenista, via informática, do Sul e do Sudeste.

Começamos a desenvolver um trabalho, em conjunto com o Museu paranaense no sentido de jogar as informações do / Museu, via informática. Elaboração de estudos para preparação de um abrangente programa de mão-de-obra; ampliar a participação dos Estados e municípios no sentido de se garantir a cidadania e a integridade dos índios, porque na maioria das vezes a assistência ao /

19/04/89

64

mlm

17,15 hrs.

-3

Índio chega até a periferia da reserva, lá dentro da reserva não entra, o município e o Estado não entram. Isso depende da sensibilidade dos homens e não de pressões e nem de obrigações que se colocam em cima destes homens. Então, o índio não era um cidadão, ele não era um munícipe, ele estava ali antes do município, mas não era reconhecido como tal. E nós estamos chamando a atenção...

17:20 - 1 -

O SR. BATISTELA... atenção dos Prefeitos também recentemente eleitos, sobre esta questão. A habitação é uma necessidade ainda a ser sanada junto a essas comunidades, embora 307 casas foram construídas nos dois últimos anos, só no Paraná há uma carência total e há uma reivindicação muito intensa em cima da Funaí feito pelas lideranças nesse ponto da habitação.

Eletrificação rural: Todas as comunidades indígenas que entenderam importante eletrificação rural, foi atingida até o ano passado, todas elas, sem exceção, que desejaram, chegou a eletrificação rural dentro dentro dessas áreas. Muito importante para o beneficiamento dos produtos agrícolas, quando ele levava isto para, os produtos ~~tributos~~ para serem beneficiados fora e muitas vezes não chegava na reserva com esse produto, deixando 30% na mão exatamente de moínhos, a periferia da reserva, por outro lado, indiscutivelmente hoje ele vê isto como meio de melhorar a sua qualidade de vida.

Há também uma organização muito grande dos Índios nos últimos tempos para fora das reservas e isto é muito importante, o que a Professora Cecília disse no início: Eles têm que ser os porta-vozes de suas necessidades e suas reivindicações, um dia haveremos / nós de sair desta condição.

Eu só gostaria para finalizar, tem alguma coisa para abordar depois, nós vamos para o debate. Eu gostaria, repetindo / Rondon, em dizer que a Funaí no Sul brasileiro não fez pouco, mas teria feito muito mais se os meios de que dispôs estivessem à altura do programa que lhe confere e se tão embaraçado não fosse pela perfídia dos seus inimigos, isto é, os interessados pela escravização do aborígene brasileiro. Nós, indiscutivelmente, somos um povo tão original que escravizamos os nossos patrícios.

PAIMAS.

A SR. CECÍLIA - Eu gostaria que usasse da palavra o Pedrânho do Posto Indígena de Guagapuaeva e também liderança indígena do Conselho Indígena daquela região.

PEDRINHO -... Por outro lado eu vi nascer a Funai. Toda essa crítica, toda essa visão da sociedade, essa sociedade dividida que existe fora, essa sociedade hoje me assusta. Todos' debatem, todos gritam, todos imploram, todos querem participar, mas não sabem como. E o último a ser ouvido somos nós. Ninguém propõe ou nós temos que propor, porque quando você fala em economia, quando você fala em dinheiro, as pessoas desviam. Então, o problema do índio, por incrível que pareça, se iguala ao país hoje, que é dinheiro. Incrível, mas toda a sociedade está nesse nível.

Então eu diria, essa sociedade está interessada ao problema do índio, ou está interessada numa questão política, religiosa ou, especificamente com entidades criadas.

E o índio será que é uma entidade reconhecida? Não. Será que é uma entidade autônoma, autêntica? Será que não tem alguém por trás de tudo isso. Há possibilidade muito grande de existir. Então, o que que é melhor para nós? Com todas essas confusões que criam, todo mundo defendendo o índio, todo mundo questionando, mas ninguém colaborando, ninguém dando uma proposta. O que eu sinto é isso. O que eu vejo em todo o meu tempo de debate, de congressos, em universidades, inaugurações, isso também tumultua também até minha cabeça hoje. Poxa, tantas propostas, mas nenhuma conclusão; nenhum plano, nenhum projeto definido do que é melhor para nós. Todas as críticas, às vezes as pessoas dizem assim: "Os índios da Funai". Outro, "Os índios que não são da Funai". A própria entidade ela se organiza, coloca e classifica as pessoas.

Então, eu também senti um índio da Funai, ou será que sou índio mesmo. Eu até tenho dúvida da minha realidade que eu sou. Quem eu sou finalmente? Se as pessoas, o grupo envolvente de repente sente, eles não sabem quem são e, nós queríamos saber quem nós somos. E nós sabemos quem somos. Somos índios.

Nós temos uma cultura, uma vivência e tradições diferentes. Nós temos um costume completamente diferente, mas devi-

do talvez ao avanço da sociedade e isso explode de todos os sentimentos, nós somos obrigados a aceitar, por mais que a gente não queira.

Falam tanto em devastação de terra e nós, como eu digo, será que nós devemos? Será que, quem é o culpado? É a sociedade? Acho que não. Será que é o índio? Acho que não. Culpado é o nosso governo que assumiu sem ter condições de assumir os Estados e o país. E nós pagamos caro isso. Não só nós índios, mas vocês também.

O governo parece não ter uma definição das posições. Os próprios políticos que hoje assumem os cargos, eles também não têm uma definição política. Eles, me parece que são donos na questão pessoal e nunca numa questão de comunidade.

A política social do índio é bem diferente. É um todo. É a política para todos. Se eu vivo bem, o índio deverá viver bem. Se eu devo proteger a minha terra, não sou só eu, é todo o índio.

Então todo mundo, juristas, antropólogos, religiosos, políticos, estudantes, estudiosos, todo mundo está conturbado. Achar uma definição, por onde começar a saída, porque nós somos os últimos a ser consultados. Então, nós começamos a pensar duas vezes. Vamos organizar alguma coisa, vamos pensar em se organizar e que nós vamos ter que cobrar da Funai e cobrar das entidades.

Eu tenho prova disso que muitas entidades.....

19/04/89

-1-

17:30

ARO

O SENHOR PEDRINHO - ... ~~eu tenho provas desse porque é uma questão de identidade~~ ^{... ENTIDADES} ~~de identidade~~, porque é aquele vírus das questões, dos distúrbios históricos, antropológicos, dentro das áreas dos índios é que nós nos cobramos, por quê? Porque desconhece os ~~problemas~~ problemas da realidade do índio. E como vida de constante meio ou a vida constante ~~XXXXX~~ do índio brasileiro. Então, ~~XXXX~~ nós também começamos a copiar, como o povo brasileiro copia do americano. Isso ~~é~~ é ruim para mim. Nós não podemos também cair no mesmo erro que o branco, eu diria o branco, nós não podemos encarar esse sistema de outro. Nós temos uma estrutura, nós temos uma política social muito mais convincente, talvez muito mais democrática do que a democracia dita. Então, eu diria, "pôxa" será que eu como índio não tenho uma voz ativa, devia ter. Porque dentro do meu grupo próprio, do meu próprio povo mesmo, o próprio índio começa a distanciar do seu próprio índio também. Aonde eles e ainda hoje estão indo para um apartamento, comprando uma televisão e debate ~~XXXXX~~ questão do índio sem conhecer o problema porque não vive também a realidade, como nós vivemos hoje. O caso, por exemplo, eu não estou criticando, são meus colegas inclusive, Ailton Krenaque(?), ^Marcos Terena, Juruna, acharam melhor a vida lá fora do que a vida dentro da sociedade e existe outros índios que também acharam melhor vender a madeira e viver três, quatro, cinco bem e o restante passar necessidade. Eles copiaram uma sociedade negativa, alguém ensinou a eles. As culpas de hoje não são culpas minhas, porque eu como disse eu ~~XXXXXX~~ vi nascer a FUNAI ~~XXXXXXXX~~ ~~XXXXX~~ e morrer o SPI e o país paga muito caro pelo que aconteceu. Nós passamos pelo militarismo e o militarismo dentro das áreas dos índios foi um desastre, porque ele não foi entregue aos oficiais da ativa e sim da reserva. Eu sofri muitas perseguições, inclusive, até pressões de que eu era subversivo, agitador, e até comunista. Eu não estive no regime comunista, houve até comissões de major, capitães, generais sei lá porque eu não interessava por eles. Era tão desorga-

19/04/89 -2- 17:30 ARO

DESorganizado a FUNAI no início que um tenente era o Delegado e um Coronel era o substituto, quer dizer, ~~xxxx~~ a desorganização era de berço. Então, até que eu sou escravo do que eu vi nascer e a FUNAI paga muito caro pelo erro do militarismo e o povo brasileiro paga caro pelo militarismo.

~~Então, todo mundo fala o índio da FUNAI não presta, presta quem, afinal para nós? Então, me parece que nós estamos todos errados, nós não estamos procurando conser-tar os erros, nós estamos criando mais problemas. Aquilo que sem-pre está na seguinte tese: vamos procurar ~~xxxx~~ resolver os proble-mas dos índios, mas, não vamos criar mais problemas. Então, a FUNAI nasceu dentro do militarismo, então começaram ~~xxxx~~ por um erro tremendo. Não vou falar em madeira, não vou falar em penalidade, não vou falar em nada disso, porque isso aconteceu, nós temos que relembrar isso aí. O outro diz: "pôxa, o índio tem que viver em taba, em oca. Isto é uma questão que já era de uma outra socieda-de, uma outra entidade. Então pouco me importa também, eu acho que o que me importa é o que eu quero e não o que os outros diz, me im-porta o que eu sou e não o que os outros estão falando. Eu tenho que ser ~~con~~consciente daquilo que eu sou. Eu acho que eu tenho que ser muito homem para decidir o meu destino, o nosso destino.~~

Eu acho que as pessoas que estão interes-sadas a me ajudar deverão ~~xxxx~~ sentar comigo e discutir, deba-ter e não comigo, mas, com as lideranças das aldeias. Não vim com aquela liderança entre aquelas que se opõe, dizendo que são lideran-ças e na verdade não são., o que tem ~~xxxx~~ acontecido muito. Eu por exemplo uma entidade hoje, agora, não é ~~po~~ porque eu represen-to uma entidade que eu devo estar atrás de uma mesa, pegar a doen-ça da burocracia. Isto para mim é uma doença. O maior erro deste país é a burocracia. Eu acho que você tem que ser muito mais prá-tico e realista, porque você faz muito mais do que ficar escreven-do palavras cruzadas em cima ~~de~~ de uma mesa. Então, eu acho...

19.04.89/OTM

O SR. PEDRINHO - Então eu acho que a gente tem que ser realista e eu tenho que ser realista, o Batistela colocou a coisa numa ação imediata e para nós assim não interessa, porque é muito demorado. Se eu pregar uma cerca num posto eu estou fazendo muita coisa do que estar escrevendo umas palavras cruzadas em cima de um papel. É como eu estava falando até para o meu amigo aqui o Marcos, o Vereador = mais votado de São Paulo, não vá pegar a doença do Juruna. Faça alguma coisa, senão você se perde no caminho também. Ele é novo, então a gente que vai tendo espaço tem que falar. Eu estou falando isso para todos, eu falo em qualquer lugar. Eu não posso ter receio de falar porque eu vivo a minha vida, eu vivo dentro de uma área, eu sofro as consequências. Eu conheço, como diz a Funai, como nasceu e o que é hoje. Eu tenho pena da Funai de hoje. Tenho pena, pensa que eu não tenho. Tenho dó, porque dentro nós temos pessoas boas e temos pessoas também que passou numa peneira, passa mesmo pelo furo. Como dentro das entidades também tem pessoas boas e tem outras também que se passar na peneira passa pelo furo também. Agora se botassem os políticos ficavam muito poucos em cima da peneira. Então me parece que toda culpa de uma questão social ou de cultura, é culpa da própria política e nós somos os culpados de existir a política, nós é que votamos, nós é que colocamos os homens. Então me parece que neste momento eu me colocaria dizendo assim, será que amanhã eu já sou um político (incompreensível)..., qual é o presidenciável para ti, as pessoas estão mais interessadas em quem vai ser o Presidente do que o problema social que envolve a Nação. Assim são as críticas, assim são as pessoas hoje, eles estão interessados no que é o momentâneo hoje, no que é Ibope nacional pode-se dizer. Quem é o melhor? Leonel Brizola, Juruna, Mário Covas, não interessa, eu acho que é preciso as pessoas botar a mão na consciência e pensar. Eu acho que o índio já está muito mais adiantado do que essas pessoas que se dizem adiantadas, instruídas. O índio vive em sociedade, o índio vive em grupo. O conselho de liderança sempre consulta sua liderança, qual seria o prefeito, o governador antes de tomar uma decisão e hoje também nós conversamos até com a própria Funai e nós devemos cobrar, eu acho que é justo cobrar, eu não dizia um órgão tutelar que tutela eu acho que não pega bem para nós hoje do Sul. Eu acho que tem que mudar talvez, não digo assistência também mas um outro lado qualquer. Eu acho que está na hora do índio sentar com quem quer que seja, com estudante, entidade, com religião, com quem quer que seja, sentar e discutir a questão do índio. Eu acho que está na hora também do índio ^{começar} a levar as propostas, as propostas do índio para a sociedade. Hoje mesmo estive colocando à Cecília, até nossa colega de Londrina colocou a falta de um monitor belingue e hoje, antes do debate eu coloquei a ela que já existe a proposta ao Batisteli, proposta do último encontro do dia 12 de agosto, a proposta de criação de Literaturas Indígenas.

As pessoas ficam pensando, têm muitos antropólogos que são contra, mas eu acho que é o meio, é a forma de você conquistar, de recuperar, quer dizer, melhor resgatar uma cultura indígena ...

O SR. ÍNDIO PEDRINHO - ...melhor, resgatar, uma cultura indígena.

Agora, ninguém se prontificou até hoje, eu já tenho procurado ~~vix~~ várias entidades, eu estou aqui para te ajudar. Ninguém fez isso. Eu pedir para a FUNAI sei que também ela ~~é~~ não vai ter condições de me ajudar. Já existe encaminhamento, mas cabe à FUNAI fazer ? É como diz a colega de Londrina, eu ~~xxx~~ acho que cabe a toda uma sociedade, como toda uma entidade e procurara se aproximar mais, mas não procurar levar essa situação a esta entidade para tirar proveito. Pode até se fazer de um trabalho feito dentro das áreas indígenas. Hoje eu tenho muito medo quando entra uma entidade dentro de uma área, tenho medo, sou claro a dizer isso, porque há uma interferência muito grande dentro de algumas áreas indígenas. O currículo municipal é que impede de tomar áreas indígenas. Porque não existe, por exemplo, um currículo escolar que venha atender às necessidades dos índios. Então é preciso criar o que a literatura, a literatura indígena e dentro dela será então criado o currículo que venha a atender as necessidades dentro da área indígena. Agora não venha dizer para mim que eu vou fazer um currículo de Estado que vai servir para os índios. Não tem cabimento. Eu acho que todo projeto dentro de uma área no mínimo deverá tentar e ver qual é o ~~xx~~ melhor. Então uma colega pode dizer : o índio tem que viver como é. Porque a sociedade hoje não me aceita como índio, me aceita como um cabloco indígena. Então não quer me reconhecer como índio. Então o que eu tenho que fazer : tenho que andar de tanga, andar de fita no cabelo, eu não preciso andar de fita para me justificar que sou índio. Eu acho que eu devo me orgulhar sim de falar minha língua, de ter meu artesanato, de ter meu povo e conviver com meu povo. Não adianta por exemplo eu estar cheio de pena aqui se não existe mais arara no Sul que eu vou ~~ver~~ que ~~xx~~ botar pena de galinha na ~~xx~~ cabeça. É justo, não é ! Não é justo ! Eu sou índio ou não sou, eu não preciso me modificar para ser índio, eu nasci índio. Meu pai é índio e minha mãe é índia, eu acho que o povo não precisa se justificar. Eu sei qual é o...

alemão porque ele fala alemão, eu sei qual é o polaco porque ele fala polaco, eu sei qual é o italiano porque ele fala italiano... Então eu não preciso me justificar dizendo que eu sou índio desta forma, ou sou ou não sou, ou sou falsificado ? Eu acho que o índio ele atravessa uma crise, uma situação muito difícil hoje, porque nós não podemos comparar o índio do sul com o ~~p~~índio do norte, isso jamais. A sociedade brasileira é tão atrasada, porque para ela o índio tem que ~~na~~ andar de tanga, ~~x~~ tem que andar pintado. Então o que que ela compara : um índio Xavante, o índio pele vermelha, um apache dos Estados Unidos. O índio tem que estar guerreando, tem que estar matando, tem que morar em oca. Uma coisa completamente negativa, eu acho que isso é só na cabeça de quem vê televisão e filme e revista em quadrinho. O povo paranaense, o povo do sul não sabe que existe caingangue. Então as nossas crianças chegam numa sala de aula, tem um atraso também na área da educação. Abriu um livro, primeira coisa, vamos estudar o índio hoje. Então você faça uma figura do ~~p~~ índio, lá vai a criança, coitada da criança também, sem alfabetizar, desenhar o índio pintado. De peninha, de tanga. Aí eu fico pensando: será que o índio vai ser sempre índio, será que ele nunca vai evoluir ? Nós parece que estamos regredindo. Não estamos progredindo, dentro do espaço, do progresso, me parece, do avanço. Então me parece que a sociedade muitas vezes critica: o índio não precisa de gado, o índio não precisa reflorestar, o índio não precisa criar peixe, abelha para ter o mel. Então a sociedade do índio parece que ela modificou muito. O colega nossa colocou o "Quiqui", um ritual religioso, uma dança caingangue, não existe mais. Então ela disse parece que existe em Sta. Catarina. Não existe mais. As pessoas que fazem isso, sumiram. Mas ninguém ...

17:45

O SR. : ... ~~que faziam, sumiam~~, mas ninguém se propôs, atrav_és de estudo, porque existem tantos antropólogos, tantos sociólogos que poderão ajudar a resgatar isso. Dizem: a Funai tem que fazer alguma coisa. Coitada da Funai, tenho até dó. Tenho até dó porque ela não tem condições não tem meios. Se o índio hoje que fazer suas aplicações, dentro de uma área onde ele possa usar madeira desvitalizada ou queimada, não pode cortar porque é or em da Justiça e não me interessa saber de quem é.

Nós ficamos amarrados, será que o índio vai poder usufruir os direitos dele? Aí se colocam os advogados dentro da Constituinte, deixam a Constituinte que é uma maravilha, com uma escrita que é uma maravilha, com uma escrita que parece uma poesia, mas na realidade não se aplica nada. Eu vou ser franco com vocês, eu tenho medo do índio do Sul daqui há dez anos. Eu tenho medo se não tiver uma estrutura específica para o índio, uma educação específica para o índio, nas áreas indígenas, um programa adequado nas áreas indígenas, aonde as entidades do Governo se preocupam diretamente com a questão do índio. Ela vai ser um desastre, porque, como coloquei há algum tempo atrás, o próprio índio começa a se distanciar da sua própria sociedade. Ele aceita melhor a sociedade fora do que dentro.

O índio prefere fora, porque as regalias de fora são maiores do que as de dentro. Claro que ele não vai que - rer dormir como eu durmo ou como o cacique dorme. Ele vai comer como come na sua área e festejar junto com seus índios. Só aparece nos momentos aonde ele possa se apresentar e fazer críticas - aonde ele não conhece e não convém criticar porque desconhece.

Então eu posso dizer que no fundo eu não posso ter medo, porque eu vivo. Eu vivo dentro de uma área indígena. Wu vivo e convivo dentro de um Conselho e este Conselho é criado e dirigido dentro de uma área indígena.

17:45 -2-

Ele é autêntico. Eu acho que só um índio poderá ser autêntico e poderá ter muito mais força do que pessoas envolvidas dentro dessas entidades.

Então hoje o próprio índio está confuso. Será que a minha entidade é melhor que a outra? Será que se eu abraçar a política será melhor? Será que se eu seguir uma religião será melhor, porque a própria religião tumultua toda uma sociedade. O nosso artesanato começa a se modificar, porque hoje temos que comprar a tinta porque não tem mais a tinta natural. Então as pessoas dizem: bom, temos que ter a natural, temos que ter a específica cultura. Bom, mas daonde tirar? Se eu não tenho um casaco para vestir o que é que eu vou fazer? Vou roubar para vestir? Não posso. Tenho que fazer alguma coisa, tenho que criar, porque essa sociedade de hoje, a minha sociedade, a minha comunidade, e eu penso dessa forma, mas o velho, o mais idoso, ele tem uma vivência. Ele não teve escola mas teve vivência. E as minhas crianças e os meus netos? Qual será o futuro deles se eu não pensar num plano específico que facilitará e garantirá o futuro?

E a segurança deles o que é? A segurança deles será a terra, a sua comunidade, a sua sociedade, a sua cultura, porque no momento em que ele perder a sua cultura, a sua identificação, ele perdeu-se também como pessoa. O que me preocupou e me chamou a atenção no dia 23 de setembro do ano passado, quando ...

O SR. PEDRINHO : ... E me chamou a atenção no dia 23 de Setembro do ano passado, quando o Presidente Sarney colocou um dos Projetos absurdos que vive colocando, foi quando ele colocou de criar áreas indígenas e colonias indígenas.

Então o próprio Governo hoje se preocupa de mudar a estrutura e o conhecimento do próprio Indio.

No Entanto, eu torno a dizer, está nas mãos dos Governantes o destino e não só dos Governantes, mas da Sociedade, das Entidades.

Eu também me sinto culpado, eu acho que devo e tenho essa culpa de participar, muitas vezes de aceitar as coisas da forma como elas vêm.

Eu acho que está no momento de nós modificarmos isso.

Não de aceitar, mas de propor,

A Constituição, ela está aí, eu acho que ela está muito clara e o Estado deverá acompanhar e seguir.

Não vejo porque o Estado modificar todas as Leis que existem hoje. Mas, antes de qualquer coisa, eu diria que aos Deputados e antes de tomar qualquer medida sobre a Constituição do Estado, de que estudem e reestudem para ver se é realmente (ininteligível) do povo Caingangue do Sul do Estado do Paraná, e se ela não fizer isso, ela está contribuindo também com a decadência com o desastre também das populações Caingangues e Guaranis, do Estado do Paraná.

Nós não podemos nunca persistir nos erros, de 1500 ou até agora nós temos cometido. Eu pediria que estudem e reestudem, parece-nos não ser a melhor, mas no momento é a melhor Constituição feita para o Indio em defesa do Indio. Muito Obrigado.

(PALMAS)

A SRA PRESIDENTE : - Passo a palavra para D.Inair, a Sra. pode falar durante 5 minutos.

A SRA INAIR : - Hoje como dia ...

A SRª INAIR: Hoje, como o Dia do Índio, eu gostaria de fazer uma homenagem ao índio Ticuna, porque na semana do índio, passada, foi assassinado 14 índio incluindo crianças. Então, eu queria meio minuto de silêncio em homenagem ao Ticuna.

(Procede-se meio minuto de silêncio). (Palmas).

Eu gostaria de falar uma coisa que está me doendo muito no peito, para todos os companheiros aqui presentes, que este debate, hoje, convidado pelos Deputados da Assembléia, mas até o momento que eu pude observar, estive só dois Deputados: a Deputada Irondi Pugliesi e o Deputado Pedro Tonelli e o Deputado Haroldo que chegou agora ...

A SRª PRESIDENTA: O Deputado Haroldo abriu os debates e o Deputado Rafael Greca. Quatro.

A SRª INAIR: Então, isso eu creio que seja uma demonstração da atenção para o índio, principalmente na Constituinte. Isso, para mim, dói muito. É uma verdade que não pode deixar de ser dita. (Palmas).

Outra coisa gostaria de falar, gostaria que todos os antropólogos fossem como a professora Kimiê, de Londrina. Eu fiquei muito contente com o debate dela, aqui. Assim, que todos os antropólogos falassem como a professora de Londrina, porque eu já estive, já vi antropólogos, professores e às vezes eles não falam com tanta segurança e mostrando a realidade para todo o povo, a realidade do índio. Então, o que eu teria para falar, ela já falou tudo.

Outra coisa, eu acho que os companheiros indígenas, realmente, têm que cada vez mais se unir. A união faz a força. Não podemos cruzar os braços e esperar só pela FUNAI, realmente. Tem que ir à luta, todos os índios.

Outra coisa que eu vou dizer pra vocês que fiquei muito contente, que para mim foi inédito, em toda esta minha vida, eu estive semana retrasada na Superintendência da FUNAI e eu fiquei muito contente com o atendimento que nos deu o Superintendente da FUNAI, o Batistelo. Foi uma coisa inédita, para mim, porque até hoje eu nunca tinha tido uma reunião e uma conversa tão ampla, junto com os índios do Rio Grande do Sul. E o Batistelo está prometendo muito pra gente, inclusive a gente vai ter uma outra reunião e ele está nos prometendo que vai cooperar em muitos pedidos, não é Batistelo? Então, isso é uma coisa, para mim, inédita, confesso pra vocês. Estou muito contente e não vou falar muito, tá, eu vou só esperar pra ver e cobrar muito do Batistelo, junto com aquelas comunidades que me ...

INAIR -... com aquela comunidade que me procuravam, porque não sou eu que vou atrás. Os índios que me procuram.

Agradeço muito a presença de todos aqui, da professora Cecília, a Deputada e o Deputado Haroldo e, peço que apoiem bastante o índio porque nós precisamos dos políticos que aquecem muito da gente. Em Brasília cobramos muito e foi muito bacana a votação que foi feita na Constituinte. A gente andou de gabinete em gabinete. A gente tem tudo documentado e acho que é por aí. Estavam reunidos 40 nações indígenas em Brasília e é por aí, com luta. Não é com crítica. É unindo os índios e não criticando-os.

Olha, o Juruna errou muito, mas errou porque foi usado. Mas agora nós temos que admitir uma coisa, o Juruna abriu espaço para os índios. De lá para cá os índios se acordaram. E podem observar que desde que o Juruna entrou na política, ele abriu um espaço muito grande para os índios e isso eu achei formidável.

E para a professora de todo meu coração, em nome de toda a comunidade indígena que quer uma luta, uma causa certa, um beijo no coração.

Muito obrigado.

LUCIO - Eu acredito que fui colocado um pouco entre a esquerda e à direita por causa do pessoal que tem bastante conhecimento do trabalho indígena e até me alegra muito, de pesquisadores, de antropólogos que estão juntos na questão e, do nosso companheiro Pedrinho que é aquele que está, quem sabe até, à espera de soluções, mas ~~xa~~ ainda somos pouco ouvidos.

Então, ele convive na área indígena e sabe os seus problemas, suas necessidades, enquanto que, quem sabe, nós aqui de fora estamos apenas olhando para o índio e tentando dar a ele a nossa solução.

Eu falo como índio e agora, quem sabe, com essa facilidade de ver as coisas dos dois lados.

Eu sou índio criado na reserva indígena, lá tenho os meus pais e a minha família toda está na tribo e me sinto bem

com esse povo, convivo muito bem com eles. Mas, quem sabe, hoje depois de algumas dificuldades eu tenha a oportunidade de ver o índio do lado que vocês vêem até. Por isso o índio não é apenas o mito que o branco vê daqui e também ele não é o isolado que se vê de onde vive. Mas eu vejo daqui com raízes profundas nas tribos indígenas, então consigo ver, quem sabe, o lado dos estudos, daqueles que abrem debate. E meu amigo Pedrinho disse que a gente fala muito e age pouco, é verdade isso, mas creio que são esses debates, essa oportunidade de dialogar o problema indígena que nos levará sem dúvida à soluções. E não querendo que isso seja à curto prazo, porque isso é impossível, mas quem sabe à médio prazo chegaremos à soluções bastante satisfatórias com relação aos índios.

Ao se aproximar o século 21...(lê)...

- Exmo Sr. Presidente da Assembléia Legislativa e da Assembléia Constituinte do Estado do Paraná, Deputado Anibal Khury.
- Exmo Sr. Presidente da Comissão da Ordem Economica e Social da Assembléia Constituinte do Estado do Paraná Deputado Raphael Grecca de Macedo.
- Exmo Sr. Relator da Comissão da ordem Economica e Social da Assembléia Constituinte do Estado do Paraná Deputado Haroldo Ferreira.
- Exmos Srs. Deputados e Deputadas Constituintes do Estado do Paraná.

Ao se aproximar do século XXI, o Brasil se vê num emaranha do tão grande e talvez maior do que nos dias em que por aqui chegaram Pedro Álvares Cabral. Indefinição, desconfiança, crise. Esse é o nosso cotidiano. A população indígena é hoje minoria e seus problemas não são tão grandes, bem como não afetam diretamente os russos da sociedade brasileira. Torna-se portanto mais natural que o sistema administrativo procure a solução de problemas maiores, quando o antigo dono desse imenso paraíso, o Brasil, fica confinado aos poucos palcos que lhe restam do muito que era todo seu. Não se procura aqui trazer novas questões ou tornar algumas polêmicas, mas quem sabe, ouvir um pouco o gemido, o clamor das nações indígenas.. Falou de dificuldades vividas hoje por esse povo. Nossos índios estão inevitavelmente aumentando seu relacionamento com o homem branco e dele recebendo cultura, os costumes as técnicas e os anseios.

O jovem índio é tão sonhador e até tão idealista quanto nos jovens . Esse potencial que a curto prazo estará na sua plenitude pode ser deixado na desmotivação e no descaso como hoje, ou ser usado na reconstrução de nosso país, depende da postura do homem branco, que de fora e à distância consegue "programar" os destinos desse povo. É necessário que homens de visão nessa causa se unam desprovidos de auto promoção e preconceitos, lutando árduamente em tão nobre missão. Nossos índios precisam de ajuda, planejamento permanente e estrutura em evolução. Esse povo pode tornar-se auto-suficiente e liberar a grande máquina administrativa, hoje colocada a seu dispor, para atender outras necessidades nacionais. É preciso que aqui e agora se façam coisas simples, mas básicas:

- Remover barreiras.
- Dar a visão correta.
- Motivar.
- Incentivar.
- Dar uma oportunidade para ser mostrado o seu valor como cidadão.
- Sugestão- Essa Assembléia Constituinte do Estado do Paraná pode pensar em Comunidades indígenas que sirvam de padrão no desenvolvimento, na integração, na estrutura e na auto suficiência, a médio prazo para todo o Brasil.

Lucio Ferreira
25/11/85

19/04/89

mlm

18,05 hrs.

-1

O SR. LÚCIO:-Termina de lêr.

O SR. MÁRIO CAMILO:- Pela primeira vez, eu agradeço a presença de/ todos, numa Assembléia ampla, preocupada a de- fender nossa Nações, como índios, embora temos a Funai, os índios / antigos diziam que a Funai é o pai do índio, mas o pai não está po- dendo sustentar o filho, então com isso a gente está conseguindo/ a gente está vendo a dificuldade de toda a Nação, não só 'índio, to do brasileiro que mora no País se encontra uma barreira, a própria política nacional está passando uma crise, precisa se organizar, ~~é~~ sempre que há uma coisa, a defesa do ser humano, a gente precisa se organizar, senão não tem jeito, por exemplo, a formiga não pode / Carregar muito peso sozinha, mas junto pode levar para sua casa. En tão com isso nós seguimos exemplos, hoje eu sou índio político, es- tou aprendendo, não sei de nada, pretendo aprender e defender o cer to, não deixar o errado continuar. Como o nosso amigo Pedrinho disse eu procuro pedir apoio aos nossos governantes, aos nossos Deputados Conhecemos muitos Deputados, na Constituinte, em Brasília, pedimos apoio, a gente precisa se organizar, defender esta Lei que está aí

A gente fomos em Brasília, agrupamos, passamos / fome...

18:10 - 1 -

O SR. MÁRIO... agrupamos, passamos fome, mas isso aí é defesa nossa de a gente participar, de olhar juntos, para defender junto com aquele que quer defender o Índio. Eu acho há interesse, tem muita saída, a não destruição como está tendo, nós precisamos recuperar a destruição brasileira, não é só na área indígena mas em todas as repartições, haja dificuldade de acesso, dificuldade de trabalho, principalmente o Índio que está começando a se mover, está começando a enxergar. Meu pai por exemplo, ele foi cacique, ele voltou a ser cacique de novo, falava para ele o superintendente, um delegado da Funai, chegava a tremar pensando que aquilo lá era um homem que pegava ele e levava embora e não era isso! Então, foi isso que obrigou a gente participar, se organizar e ~~nós~~ estamos aí ouvindo os debates com Professores, bastante experientes nessa ~~passagem~~ passagem da vida nossa né. Eu acho que essa nova lei, a legislação nova foi muito boa, com o Político nas áreas indígenas, não pelo artigo, mas em termos de nível Municipal. Nós precisamos trazer aquilo que perdemos, ~~por exemplo~~ ~~por exemplo~~ por exemplo: Foi falado a respeito de estudo. Então, nós temos que achar um jeito de recuperar isto, mas através daquilo que nós perdemos para o Estado, o Estado tem que devolver as casas. Nós temos que solicitar, não é morar. Nós estamos solicitando ao Governo do Estado a devolver alguma coisa que já saiu da nossa reserva à nível Municipal. Então, eu acho importante a Assembléia de hoje, pela 1ª vez que participo e não é só essa, a gente vai se encontrando, a gente vai até o fim defendendo o direito do nosso futuro, de nossos filhos, a terra, que até hoje não é nossa, só podemos ficar em cima da terra, mas não temos direito. Então, eu acho que na próxima Constituição, eu acho que nós vamos ter que permanecer, até lá vai ter mais gente, vai ter Índio Político aliado com o povo que defende o interesse nosso / hoje, eu acho que vai ser mais importante, embora muito longe ainda, não sabemos que ano que vai ser, mas até lá eu tenho esperança, esperança é a última que morre. A vida nossa é muito triste, porque só / nós sabemos a dificuldade do nosso povo brasileiro que são os Índios e

O SR. MÁRIO... os Índios e temos também os encontros indígenas nas áreas
três áreas que vai ser realizado, nós vamos marcar para
a gente se unir, através da união a gente consegue as coisas, o que se
precisa ser defendido...

ACS

- 2 -

18:10

19/04/89

FALSOS na medida em que todas as terras indígenas do Paraná são menores do que as terras tradicionalmente habitadas. Então, seria falso pegar o exemplo do Paraná hoje, as terras indígenas são aquelas aonde a fronteira agrícola branca não chegou. Então, está ali e está fácil de marcar. Não houve conflitos com as terras indígenas menores que também não teve muita importância.

Bom, nós vamos pegar um exemplo na Amazônia, vamos pegar o exemplo que eu citei do caso Ianomani. O Ianomani existe em estudos profundos, longos, de comissões com participação de antropólogos internacionais que estudam a questão Ianomani para ver aonde, quais terras são as efetivamente ocupadas pelos ianomani e ~~chegaram~~ chegaram a algumas conclusões e é claro que isso é muito difícil, não existe uma linha precisa, porque por influências os Ianomani, ora vinham para cá, ora brigavam com os Bacoxi, ora havia briga de terra e esticavam um pouco mais, então não há uma linha precisa, mas, se precisou num determinado momento na década de setenta, se precisou qual era o limite da área Ianomani, se precisou por referências geográficas: eles iam até o rio tal, não ultrapassavam tal lugar. Bom, esta é a terra Ianomani, a fronteira agrícola ainda não chegou lá. Então, é claro que é necessário uma providência administrativa secundária, de ir lá e demarcar, inclusive, para impedir que a nossa fronteira agrícola chegue, não é exatamente para garantir que os índios fiquem lá dentro, para segurar os índios, não. É para ~~impedir~~ impedir que a nossa fronteira agrícola ultrapasse essa linha, que é a linha ~~xxx~~ tradicionalmente ocupada pelos Ianomani.

Agora, isso eu não disse, talvez você entendeu pela forma como eu fui colocando a questão. Eu não falei exatamente esse termo. Mas, ao se colocar, ao se dá um estatuto muito elevado à demarcação, como se a demarcação fosse uma coisa extremamente importante. Acontece que o Estado pega isso como é a demarcação, então, ele pega e vem fazer a demarcação. Então não dá bola mais para o estudo antropológico que tem. Mas, faz ele mesmo a demarcação, segundo os interesses do Estado como se fosse demarcar a colônia...

O SR. MARÉS - ... a colônia que ele vai titular para o amigo ou para o vizinho ou legalmente para o poço e aí ele vai dizer, não, não vou dar isso porque está meio grande, vou diminuir um pouco, mas ele não tem que pensar se vai diminuir ou vai aumentar, não tem que entrar na questão como entrou o Governo Federal agora em março deste ano, de que ele não podia fazer isso na faixa de fronteira, porque ia dificultar as manobras militares. Está isso em questão, a Constituição não diz isso. Outra coisa, não pode dizer que existem pressões de mineradores, de garimpeiros na área, então vamos tirar os garimpeiros, não, não é essa a questão, eles não podem fazer isso. Ele não pode resolver problemas que ele tinha que resolver de outra forma, um problema social dos nordestinos e garimpeiros que estão invadindo a área indígena, que ele tinha que resolver aonde os garimpeiros estavam na origem, não vai resolver dando as terras de Ianomani, então isso ele fez, fez porque, porque ele pode demarcar e a Constituição Federal deu poder maior quando nas Disposições Transitórias ele deu um prazo de cinco anos.

Então sob o argumento de que tem pressa em demarcar, ele vai e demarca menos, historicamente, não há nenhum caso que confirme como exceção, todas as vezes que o Estado brasileiro demarcou terra indígena diminuiu o território tradicionalmente ocupado, todas as vezes, inclusive o histórico convênio feito entre o Governo Federal e o Estado do Paraná para demarcar terras indígenas aqui no Paraná, que reduziu à dez por cento dessas áreas segundo as informações dadas. Então a demarcação, quando ela ganha um estatuto de importância ela serve exatamente para o Governo utilizar para diminuir terra indígena. Então o que eu disse, não é que eu seja contra demarcação, a demarcação tem que ser feita porque afinal de contas tem que saber aonde é que é o limite de uma e de outra, mas ela tem que ser uma mera providência administrativa secundária e subalterna ao estudo antropológico que o precede.

O SR. SAMEK - Sabe por que eu fiz essa pergunta, Marés?

Porque se você fosse o Presidente da República eu concordaria em gênero, número e grau o que você colocou,

se o Haroldo a Deputada Irondi fosse a Presidente da Assembléia Legislativa não teria ocorrido o que ocorreu em Manguairinha. Então se o Ianomani tem direito a 9 milhões, temos que brigar para que sejam demarcados, para não deixar de demarcar isso, porque daqui a pouco não vai ~~xxx~~ ser ...

O SR. MARE'S - Prefeitamente, eu acho que essas providências secundárias, subalternas etc, têm que ser providenciadas, só que ela pode feita pelos próprios índios. Se ela é secundária, não precisa o Presidente da República homologar através de decreto, não ela é uma providência secundária, você vai lá e faz, o judiciário faz, o legislativo faz uma lei e aprova, você entende, eles fazem por qualquer outra forma que não precisa ser um decreto do Poder Executivo. Eu acho que você tem toda a razão, só que eu quero dizer o seguinte, a demarcação tem sido utilizada por ter um "status" de importância fundamental, inclusive tem um processo criado por um decreto, um processo especial para demarcação de terras indígenas, onde se reúne afinal é um conselho quase tão importante, quanto qualquer conselho de Estado, um monte de ministros, Chefe da Casa Militar, toda milicada lá, para decidir o perímetro, mas ora o perímetro está decidido na Constituição, é aquele tradicionalmente ocupado, esse é um estudo técnico ou você confia nas pessoas que fazem ou faz outro. Vai fazer estudo técnico só para dizer que não é aqui, tem que dizer porque que não é aqui, tecnicamente porque e não foi isso que aconteceu no caso Ianomani. Então esse é o problema.

O SR. MAURO MATEI - DA FUNAI - No começo dos trabalhos foi colocado que a ~~XXX~~ Comissão já está com os trabalhos prontos, já mandou para a Comissão Constitucional, então já que a gente está aqui debatendo a questão indígena, eu gostaria de saber do Relator ou de algum membro que está aqui presente ou da Deputada Irondi ..

O SR. MAURO MATEI: ... Deputada Irondi, o que é que esta comissão tem a oferecer para os índios, porque infelizmente hoje eles estão ouvindo o que a Comissão da Ordem Econômica e Social vai colocar para eles, enquanto Constituição Estadual e se o relato já está pronto.

O SR. HAROLDO FERREIRA: Eu acho que este fórum de debates é exatamente para enriquecer este momento em que a gente tem o trabalho da Constituinte Estadual. E até porque a gente ainda tem três espaços abertos na Constituinte para trabalharmos, que é a própria Comissão Constitucional, onde pode ser apresentada emenda pelos senhores Deputados. Depois, a fase de 1º turno, que também é uma fase onde qualquer Deputado pode entrar com emenda e daí é votado em Plenário. E a fase de 2º turno, onde recebemos emendas supressivas e que também podem ser discutidas, o Deputado Nereu não concordou, mas ... No 2º turno é uma fase de emenda supressiva e que também existe um espaço para trabalharmos, a nível da Constituinte.

É evidente que nós nos defrontamos, e aqui eu acho que devemos abrir, porque é um debate, nos defrontamos com duas posições. Uma posição que é colocada por setores que acompanham e trabalham na questão do índio, a nível do Paraná, que acha que a proposta na Constituição Estadual, ela deve ser o mínimo possível abrangente, de tal forma que não faça com que o que está definido na Constituição Federal seja confundido com alguma coisa que se possa colocar na Estadual e de tal forma que daí a União, que tem o compromisso e as responsabilidades já no Texto Constitucional, acabe dizendo: "Não, na Constituição do Estado do Paraná está dito que determinadas coisas competem ao Estado e o Estado vai dizer que compete à união". //Então, nós estamos com esta preocupação. E por outro lado, outros setores que acham que na Constituição Estadual deve-se colocar mais abrangentemente uma série de questões, inclusive a questão da demarcação.

Então, nós estamos aqui na Assembléia Constituinte do Paraná, lutando praticamente e analisando estas duas posições. Ou o Texto da Constituição do Estado, no capítulo dos índios é conciso e não determina a confusão entre o que ela pode ter no seu texto ou que já existe à nível federal, ou nós colocamos um texto mais abrangente e acaba gerando uma confusão e fazendo com que os Poderes, inclusive, joguem a responsabilidade de um para outro, sem que as coisas sejam encaminhadas. Então, eu acho que basicamente, o Texto que tem, hoje, no relatório da Comissão da Ordem Econômica e Social, sobre o capítulo dos índios, é um texto conciso, restrito, com a finalidade de não propiciar para a frente, estas confusões. Mas, eu entendo que agora, na Comissão Constitucional, no 1º turno, este debate vai-se ampliar e o que realmente deve ficar, finalmente, no Text

deve ser a discussão maior e o consenso maior na questão indígena do Paraná.

(PERGUNTA INAUDÍVEL).

O SR. HAROLDO FERREIRA: Eu não sei se vale à pena, neste momento, entrarmos nestes detalhes. A questão que colocamos e que temos hoje é isso. O que está proposta e já aprovado na Comissão de Ordem Econômica e Social, na Comissão Temática, é um texto conciso para evitar a possibilidade de confusão e que os Poderes não assumam as suas responsabilidades. Agora, está aberto para a Comissão Constitucional e para o 1º turno esta discussão, e pode inclusive ser mudado o Texto.

(PERGUNTA INAUDÍVEL).

O SR. RIVIERA: A pergunta é para o professor Marés. O senhor falou em Estado, que o índio é avesso a toda a forma de Estado e de ordem política. Mas, eu entendo, como professor de história ...

18:30

O SR. .RUI.....: Mas eu entendo, como professor de História, que toda Nação tem que ser organizada através do Estado. Nós já temos 140 nações indígenas no Brasil. Eu não quero dizer que se deva criar um Estado dentro do Estado brasileiro, porque seria inadmissível para todos nós. Mas eu entendo que os índios deviam ter uma organização política, uma confederação, mesmo de caráter civil, mas que se desse o sentido de unidade e daria força a eles.

O SR. CARLOS FREDERICO MARES: Dr. Rui eu acho também. Eu advogo a idéia e sempre que posso, digo que as nações deveriam formar uma espécie de confederação de nações e acho que a relação de Estado brasileiro, deve criar um organismo e facilitar essa união das nações, sem preferência, porque já há algumas teses de que o Congresso Nacional deveria abrigar a representação das nações indígenas. Isso é um absurdo. Não faz sentido isso. Mas, que o Estado brasileiro garantisse as reuniões periódicas, numa espécie de congresso federado das nações indígenas, para resolver os seus problemas, inclusive discutir questões que possam ser encaminhadas para o Congresso Nacional, para serem transformadas em lei do Estado brasileiro.

Nisso tudo eu concordo plenamente, agora, o problema que foi colocado é que cada nação não tem necessidade do Estado, por sua própria organização e estrutura social e eu tenho colocado que essas estruturas sociais que não necessitam do Estado e que vivem dentro do Estado, como é o caso dos indígenas, elas têm o problema de que seus direitos, enquanto povo, não são reconhecidos. Não serão maltratados, nem submetidos a serviços degradantes, mas seus direitos coletivos, seus direitos como povo, não são reconhecidos.

Eu concordo plenamente com a idéia da confederação, embora tenha plena certeza que há dois complicadores que quase inviabilizam. Um é o complicador do Estado brasileiro.

Isso seria a abertura de uma "capitis diminutis" ao Estado brasileiro. O segundo, é o complicador dos próprios índios. É muito difícil existir uma confederação, porque até esta forma de representação de cada uma delas é diferenciada, cada um tem a sua e é extremamente difícil, porque nem sempre há unidade interna dentro das nações.

O SR. JOSÉ LOMBARDI : Sou Professor da Universidade Estadual de Maringá. A primeira colocação é com relação à nova Constituição Federal. Eu concordo que avançou com relação ao que estava posto pela legislação anterior, só que não é o que se poderia almejar de melhor, uma vez que parte significativa das reivindicações das entidades indígenas e da comunidade científica, ela foi colocada fora do texto constitucional aprovado.

Ela é uma Constituição que contém avanços, mas ela é a Constituição possível na atual conjuntura histórica.

Para o processo constituinte estadual houve a possibilidade de avanço bem maior, uma vez que já se tem um texto norteador e dado que se vive no Brasil uma República Federativa, como nos faltarmos neste momento, a nível da elaboração das Constituições Estaduais, de colocar o Estado efetivamente como responsável pela questão indígena, notadamente em assistência a alguns setores, como educação, saúde, assistência técnica e demais setores. Seria essa a colocação e eu pediria um posicionamento dos senhores Deputados.

O SR. CAROLDO FERREIRA : Eu acho que a questão está posta em cima das duas correntes ...

(COMISSÃO ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL)

O SR. HAROLDO FERREIRA : - ... Em cima das duas correntes que eu coloquei de idéias a respeito do texto Constitucional do Paraná. Eu acho que o debate está começando e eu havia dito que existe espaço na Constituinte do Paraná, para que ~~isso~~ ou consolide o que já ~~está~~ está na Comissão temática, ou inclusive possa ser objeto de mudanças ^{disso} dentro/inclusive, que o companheiro colocou.

Eu acho que vale a pena realmente o debate para que estas questões sejam colocadas, e vai depender daqui para frente, e principalmente que as Entidades indígenas sabem muito bem disso, pelo trabalho pela prática, e experiência que adquiriram durante a elaboração da Constituição Federal, e daqui para frente tem que trabalhar, e as forças e as correntes que existem, terão que se organizar para defender as suas posições e nós os Deputados é claro que seremos sensíveis, e votaremos de acôrdo com a nossa consciência, mas de acôrdo com o poder de influência que as várias entidades e os vários segmentos se fizeram presente na Assembléia Constituinte.

(Conversas paralelas)

O SR. HAROLDO FERREIRA - Sem dúvida, no momento que isso ficar definido e ficar determinado e atingir a consciência de cada Deputado que realmente essa é a questão mais importante, eu não tenho dúvidas que essas questões, serão majoritárias na Constituinte Estadual.

Agora no momento em que o outro lado, da outra corrente que existe e que também acabe sendo majoritária, porque o que é que nós estamos fazendo aqui? é abrindo debate, exatamente para que nós possamos conhecer mais as questões indígenas, inclusive do Paraná, que foi muito bem dito, que nós não conhecemos. Está no momento histórico de que isso seja chegado na Constituinte do Paraná e que possa exercer efetivamente sobre os Deputados durante o fechamento do texto dos Índios na Constituição do Paraná.

O SR. MARIO : - (Universidade Federal de Maringá) - Eu queria esclarecer uma questão colocada pelo amigo Pedrinho, que ele -

.....xxx

O SR. HAROLDO FERREIRA : - generaliza a questão dinheiro como sendo o grande problema do Indio. Eu pergunto a ele, se essa questão é mais no caso do grupo específico dele e pelas discussões - até agora, não é a questão do dinheiro, é a questão da terra, é a questão dos garimpeiros, nós passamos pela questão da ^{terra} entidade também, questões Balbinas, hidrelétrica, não dá para generalizar, que com dinheiro resolve a problemática do País.

Então eu gostaria que o Sr. Pedrinho me esclarecesse essa questão.

O Sr. PEDRINHO - Eu disse isso, porque para discutir o problema do Indio voce passa horas, e não discute tudo. Eu coloquei uma parte. E muitas áreas nós sabemos que a questão hoje, eu coloquei em termos de Sociedade, por exemplo : Se eu quero ~~organizar~~ ^{organizar} um Projeto na Educação, eu não tenho como realizar isso. Eu não tenho meios.

Eu sei também que a Funai não tem meios.

Agora é preciso que as Entidades também contribuíssem para que se formasse e se criasse alguma coisa, na Educação, ou cria algo, uma proposta a mim, é ~~xxxxx~~ levada a vocês e muitas outras Entidades. A criação de literaturas indígenas.

Então quando eu falo em dinheiro, não é porque eu quero que o dinheiro seja a salvação da pátria do Indio, eu estou colocando em termos de Assistência e de criar alguma coisa, que seja bom para o Indio, não só na Educação, mas em questão por exemplo que não pode prever ou programar um Projeto sem voce ter o dinheiro. O que eu quero dizer com isso, é que eu não acho justo por exemplo,

O SR.PEDRTINHO - ... eu não acho justo por exemplo que o senhor tenha uma riqueza em cima de uma área, eu vou derrubar essa mata para arrecadar meios. O senhor tem outros meios, outros -órgãos de assistência que poderão lhe ajudar a realizar esse trabalho. Então eu não vejo por exemplo, não vejo, nem penso nisso que o dinheiro será a salvação de tudo. Eu só faço a proposta que seja criado um programa educacional, um projeto, seja qual projeto que for dentro das áreas indígenas ^{que não} precise de verbas. Eu vou ter claro que a FUNAI no momento não tem meios. Então eu coloco, ~~por exemplo~~ por exemplo, as entidades que queiram contribuir para que nós possamos sentar numa mesa e discutir e debater os projetos a serem realizados em cima das áreas indígenas. Porque eu acho que não cabe somente à FUNAI toda responsabilidade, arcar com essa responsabilidade existindo outras entidades que podem cooperar.

A SRA.MARINA - (índia) - Nome Guarahi, eu sou ~~guarani~~ guarani-caingangue, minha mãe é guarani meu pai é caingangue e meu nome de índia é Janaína: por que essa de educação, a FUNAI, que tem os recursos sim de preparar índias para serem as professoras nas aldeias, por que que não dão espaço às índias que podem muito bem contribuir, que as índias são fortes e podem contribuir. para a educação de seus próprios filhos e netos nas aldeias.

O SR.BATISTELE - Janaína, eu gostaria de lhe dizer que na verdade isto está em ampla discussão dentro da FUNAI. Nós vivemos até aqui há pouco tempo, como já disse, a onde não existe especificidade na educação indígena, não são ~~respeitados~~ respeitados exatamente os valores culturais no momento em que se educa o índio dentro da reserva. Então nós estamos trabalhando, com raras exceções, há cartilhas caingangue, embora não atingindo todas as comunidades, todas as aldeias indígenas. Porque há determinadas áreas com 18 aldeias dentro de uma área só. Então não atingiu toda dentro da área, está em profundo debate isso, foi debatido primeiro com todos os monitores bilingues e indígenas: são 41 monitores bilingues indígenas, debatemos no segundo semestre do ano passado

isto aqui em Curitiba, toda proposta apresentada exatamente pela área da educação foi aprovada em setembro do ano passado e os recursos já estão sendo liberados para essas áreas para ser feito isso. No início de maio isso vai ocorrer na região de Londrina onde a UEL estará presente nessas discussões também. Pode dar aula desde que seja treinado exatamente no ensino bilíngue e cultural, que é o que acontece com o treinamento recebido por esses monitores caingangue e que começou a ser ~~é~~ preparado também, através de um convênio com a FUNAI os monitores bilíngues-guaranis.

A SRA. JANAÍNA - Ele falou que as índias não podem lecionar se elas não tiverem preparação. Às vezes muitas vezes não é problema de ~~xxx~~ treinar, elas já nascem ~~y~~ treinadas, elas vivem a vida delas, elas vivem a vida do povo indígena, elas nascem lá. Se elas sabem lê, escrever, sabem falar a língua delas elas podem muito bem ensinar os outros. Era isso. Eu sou cozinheira, cozinheiro no quartel, sou ~~x~~ cozinheira dos oficiais, aprendi fora da aldeia, meu pai foi morto quando...

O SR. BATISTELA - Eu acho que exatamente o que a Janaína falou é o que estamos procurando fazer, embora existem determinadas técnicas didáticas-pedagógicas que são transmitidas exatamente a esses monitores bilíngues. O treinamento que recebem praticamente é nessa área, mas, jamais vamos ignorar que vocês, exatamente, são os senhores dentro da língua que vocês...

SENHOR -... ~~são os encheres dentro da língua~~ que vocês pertencem, que vocês possuem. Eu acho até que o Pedrinho como monitor bilíngue ele pode perfeitamente dizer isso melhor do que eu.

~~Sra. XXXXXXX~~ - Eu só queria dar um depoimento reforçando um pouco o que ele falou.

No Ivaí no início da década de 60, por volta de 1966 (inaudível)... e a senhora dele era professora. Ela tinha dificuldade de se comunicar por causa do problema da língua.

Então, ela elegeu um rapaz de 20 e poucos anos que era filho de branco com índio, portanto, tinha o domínio das duas línguas. E esse cidadão sem preparo, a não ser os 4 anos que ele fez no primário ele preparava já, antecipando o trabalho dos monitores, ele preparava as classes para que a professora recebesse os indígenas já falando e dominando. Então, ele alfabetizava sem ter cursado escola normal, porque ele conhecia a língua. Ele falava o "caigangue" muito bem. E os índios estava alfabetizados mesmo porque aprenderam primeiro em caigangue. .

Então, acho importante que vocês incorporem e acrescentem esses monitores bilíngues que vocês têm, que estão preparados e se acrescente mais gente que queira colaborar. Acho que o importante é somar.

Sra. - Realmente o ideal é que o índio mesmo ensine o índio, porque daí não haveria aquela cultura diferente da outra. A criança se sentiria muito bem em ter um professor que pertence ao seu grupo, que tem a mesma cultura.

Ocorre o seguinte, que para ser monitor bilíngue precisa de toda uma preparação. Eu vi que ela estava dizendo que queria ser monitora bilíngue. Eu não sei, mas acho que teria que preencher certos requisitos. Porque o nosso monitor lá no sul, quando ele chegou na escola, ele tinha uma certa escolaridade e durante 3 anos ele recebeu treinamento especial. Então, aprendeu escrever toda a gramática da língua. Eu vim só esclarecer isso.

PRESIDENTE

19.04.89-pgc

18:45

-2-

PRESIDENTE (IRONDI PUGLIESI) - Tem mais alguém que queira fazer alguma pergunta?

PAULO CORDEIRO - Sou médico e trabalho na Funai.

Eu queria fazer a pergunta, eu queria uma explicação sobre um assunto que foi colocado de que os médicos da Funai estavam cassando curandeiros. Mais ou menos isso.

Eu vou comentar, ^{e qual} ~~depois~~. Primeiro.....

19/04/89

mlm

18,50 hrs.

-1

O SR. PAULO CORDEIRO:-... eu vou comentar, é que, primeiro, médico na Funai começou a funcionar, efetivamente de 74 para cá, e agora eu fico procurando, tentando contactar para encontrar o curandeiro, que, na verdade não existe, o/que existe são não índios, envolvidos, com outros interesses, inclusive têm ocorrido vários óbitos, por causa disso, os próprios índios podem testemunhar, em Guarapuava, a gente encaminhava ao hospital, que às vezes é uma desidratação, precisa de tratamento hospitalar, e na reserva não tem condição, então a gente encaminha ao hospital, mas eles, feita a cabeça, por estes curandeiros, não índios ~~mas~~ eles saem do hospital, sem ordem médica então ocorre o óbito. como ocorreu em ¹¹ angueirinha, em Ivaí

Eles vão lá e tiram o paciente do hospital, e às vezes uma doença que é simples se complica e eles morrem.

Então é isso, é nesse aspecto, inclusive o trabalho do ~~mpx~~ médico deveria ser assessorado por antropólogo, assistente social, e não consigo encontrar o curandeiro, o verdadeiro curandeiro índio, ele poderia noa ajudar, agora, os não índios são perigosos.

O SRA. WIMIÉ TOMAZI:- Eu não falei que os médicos da Funai praticavam perseguição, eu ouvi de um índio velho que contou, não disse que era o médico, disse que a política da Funai era de perseguição aos curandeiros kaigangue que praticava a medicina há 10 anos, e essa é a desculpa que eledá para o desaparecimento da mediciana kaigangue, do conhecimento, do saber deles. Ele colocou esta política de perseguição, de prisão, de violência da Funai, não falou que eram os médicos da Funai, falou que era uma política da Funai, que foi implnatada no Paraná, ~~XXXXXX~~

O SR. BATISTELLA:- Mesmo porque não existia Funai ~~na~~ naquela época ela foi fundada em 67, então tem umas coisas que a gente não entende.

19/04/89

99

mlm

18,50 hrs.

-2

A SRA. PRESIDENTE:-(Irondi Pugliesi):- Mais alguém que queira se manifestar tem que se dirigir ao microfone.

O SR. DARCI PIRES DE LIMA:- Eu sou Guarani, eu vou falar um pouco sobre Educação, então as mesmas / dificuldades nós estamos passando, foi falado da literatura, foi falado bastante da parte dos kaigangues, menos do Guarani. Então isso nós estamos enfrentando, não sei como vamos conseguir, eu/ e o Ari, em Paranaguá, nós começamos a trabalhar, mesma coisa,/ só sabemos escrever na língua, nem era preparado, falávamos bem/ na língua, melhor que português, então esse foi o nosso ~~XXXXXXXX~~ trabalho, nós sabíamos escrever e falar bem na língua...

18:55

- 1 -

O SR. DARGI DE LIMA... e falar bem na língua do que em Português. Então isso foi o nosso trabalho, o começo e agora começado está, agora como criar, isso nós não temos condições. Então, era isso que eu queria falar. Agora, eu quero a ajuda de vocês / que estão indo para frente né! Era só isso.

A SRA. PRESIDENTE (IRONDI PUCLIESI) - Aí Batisteli mais um depoimento, a mesma situação. Mais alguém que queira se manifestar?

A SRA. ENAIR - O que eu estive falando, conversando com a Batistela / esses dias lá na superintendência foi mais ou menos a respeito disso, né Batisteli? Então, eu disse: Se a Funai não tem / condições. Eu estava falando para ele, dar atenção para a gente, a gente chega até lá e ele: "Batistela, olha, tal comunidade indígena está precisando de um apoio, não tem condições de a Funai ajudar?". / Então, vamos se unir, vamos dar as mãos, vamos procurar entidade que possa dar esse apoio para as aldeias, seja Guarani, seja Caingangue. / Agora, eu estou cansada de ouvir que os ~~xxxxxxxxxxxx~~ Guaranis são os que menos lutam, são os mais humildes e a mais falante sou eu. Mas eu falo pelo seguinte: Já estou a tempo aqui, estou sempre vendo esse / problema do Índio Guarani. A minha conversa com o Batisteli foi esta, a gente está combinado de marcar um dia, um acordo desse com relação ao apoio de outras entidades, já que a Funai não tem condições em dar certos apoios. Então, vamos pedir apoio a outras entidades; eu acho / que é de dando as mãos que a gente vai conseguir tudo isso.

O SR. BATISTELA - Eu quero dizer Enair que na verdade o Índio Guarani foi relegado e quando era uma tribo maior no início, hoje se tornou menor. A tentativa de escravização, se tornar soldado, essa coisa toda. O Guarani está hoje também em franca expansão, haja visto até que nos últimos 5 anos é que foram criadas essas 14 reser- / vas indígenas que não existiam no sul brasileiro, o Índio Guarani sempre morou de favores nas terras dos Caingangues no sul do Brasil, era assim que ele vivia e ainda em algumas situações estava vivendo em / terras onde domina os Caingangues. Então, veja bem: Uma diferença cul-

O SR. BATISTELLI... diferença cultural que tenha entre eles, habitam e essas terras. Então hoje se está constituindo, se / está constituindo terras, evidentemente para os Guaranis, também esta situação, não só a questão da terra, mas tudo que for relegado, porque ele queria viver em grupo, distante da nossa sociedade, mais afastado sempre da nossa sociedade, haja visto que até nas áreas, eles moram / sempre no fundo das áreas e foi abandonado exatamente por isso. Nós / estamos reverter este quadro. A situação do ensino bilíngue não poderá ser feito e nem deve, é lógico, nós temos cinco grupos indígenas / nesse Estado e terá que ser feito para os cinco, embora a situação es seja mais avançada para o Caigangue, nós temos que resgatar isso para cinco tribos indígenas que habitam aqui esses Estados, indiscutivelmente; Só que a preparação dos Caigangues começou há dois anos, então / também começou conosco esta preparação dos ~~Caigangues~~ Guaranis, que / hoje estão lecionando em convênio com uma missão religiosa. Não há / grandes dificuldades ~~para~~ para a Fuanis para encaminhar exatamente esse trabalho, talvez no sentido das contratações hoje mais difícil, mas de prepará-los não há dificuldade. É isso que está sendo debatido do final do ano passado e que continuará agora, eu acredito que isso até a metade do ano se tenha exatamente norteada ação para tomar as atitudes com relação a essa questão, sob pena de se tomar precipitadamente sem estudar isso com todos os cuidados, até de errar mais uma vez. É esta a preocupação nossa....

O SR. BATISTELA - ...é esta a preocupação nossa de um envolvimento inclusive com a Universidade de Londrina.

A SRA. CECILIA - Já que nós estamos finalizando, eu queria^{mais}~~mais~~ uma vez agradecer pelo fato dos Deputados terem recorrido as Associações Científicas, a Universidade, aos Juristas, a Funai, para poder desenvolver esse debate e para também angariar as propostas que tiveram por premência de tempo de serem encaminhadas a questão de dias atrás. Eu faço um apelo a todos aqueles que respeitam o que se produz nas universidades, nos debates, nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia, nos debates da Casa Latino Americana, nos colégios estaduais do Estado e principalmente naquelas discussões como bem colocaram as lideranças indígenas, que são realizadas dentro dos espaços dos índios, quando se reúnem as lideranças, seja para discutir questão de educação indígena, saúde, como aqui está também hoje sendo colocado, a questão do meio ambiente, que nossa proposta também contempla.

Eu quero cumprimentá-los por esta abertura, acho que nós temos muitas críticas a fazer, aqui eles falaram bastante com respeito a política, mas acho também que temos bons elementos nessa política, eu venho de uma família de Deputados também, só que de Deputados cassados (conversas paralelas)

Então eu gostaria que se registrasse, porque nesta Casa, eu estive anteriormente aqui convidada, ainda para discutir (incompreensível) e esta questão indígena só por iniciativa da Casa Latino Americana e outras iniciativas que não foram propriamente da própria casa, é que nós chegamos aqui a debater.

Então eu quero registrar um voto de louvor por vocês terem promovido este debate.

O SR. MARES - Eu quero fazer minhas as palavras da professora Cecilia e dizer que realmente esse tipo, eu participei muito diretamente ...

19.4.89/EL

19.05

.1. COM.ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL

... muito diretamente, muito intimamente das discussões e da elaboração da Constituição Federal em relação à questão indígena e acho que participei assessorando as lideranças indígenas e eu acho que foi exatamente essa força das lideranças indígenas onde a Aiê-Naiê participou diretamente como liderança lá dentro do Congresso. Foi essa força das lideranças indígenas que conseguiu que o texto da Constituição federal fosse um texto tão bom como é. Nesse sentido até gostaria de dizer mais aos nossos companheiros de Maringá, eu acho que o texto da Constituinte Federal ele é mais do que é possível naquele momento histórico, ele ultrapassou as expectativas, nossa inclusive, a gente não imaginava que ~~pudesse~~ pudesse se chegar a um texto assim, principalmente se a gente começar a analisar não só os avanços genéricos, mas temos que analisar como a mineração da área indígena, a passagem da necessidade do Congresso autorizar a possibilidade de uma lei complementar que agora está sendo feita sobre mineração, o ministério público participando diretamente da defesa dos direitos indígenas. É tanta coisa, foram coisas conseguidas porque as lideranças indígenas estavam lá presentes, batalhando, lutando e conseguindo realmente, ponto a ponto, palavra por palavra, discutindo cada termo que ia ser colocado, estava lá a Aiê-Naiê, 300 índios de gabinete em gabinete pressionando os Srs. Deputados mas mais do que pressionando, convencendo os Deputados. Então eu acho que fundamental é o debate, fundamental que se fale, que se diga e quando eu vejo a presença aqui da Deputada Irondy Pugliesi e do Dep. Haroldo Ferreira, que nos chamaram e pediram, mais do que a gente ir no gabinete ir lá bater, nos chamaram, nos pediram o debate. E realmente eu acho que a Cecília tinha razão, eles merecem todo nosso elogio, todo nosso aplauso especialmente, a nossa esperança de que a Constituição Estadual seja uma Constituição que realmente defenda os interesses do povo do Paraná e em especial, no nosso caso, das populações indígenas aqui do centro. Mas eu no encerramento queria também estender esta homenagem a esses 2 parlamentares que tão brilhantemente vem nos

representando aqui, ao nosso parlamentar municipal Jorge Samek que esteve aqui desde o começo da discussão, participando diretamente, tanto vendo, e isso aí demonstra seu interesse pela questão indígena, seu interesse pelas questões populares que tem demonstrado sempre, e é claro que infelizmente a Câmara Municipal de Curitiba possivelmente não tratará da questão indígena porque os índios aqui de Curitiba só ficaram os nomes, nome tem bastante. Mas infelizmente eles mesmos já não estão aqui presentes. Mas em todo caso estendo meus cumprimentos ao ilustre vereador Jorge Samek.

QUIMIÊ TOMASI - Eu até me sinto aqui na mesa um pouco inexperiente, porque a minha experiência não é tão vasta quanto a do Marés. Mas eu há tempos venho lendo e realmente eu também gostaria de parabenizar os Dep.Estaduais que fazem parte da Constituinte Estadual. Porque realmente essa preocupação de que uma assessoria de tão alto nível e há muito tempo, antes de toda a sociedade brasileira realmente acordar para o problema do índio, são pessoas que já estavam comprometidas com a causa dos índios. Então eu sinto que hoje devemos ter mais esperanças exatamente porque há um reconhecimento da própria sociedade que tem de lutar a comunidade científica... (inaudível). Então eu gostaria também de ~~me~~ dizer que me sinto honrada em participar de um debate, trazendo embora uma pequena contribuição, mas eu acho que é uma forma já da Univ.de Londrina começar a participar efetivamente de um comprometimento maior com a sociedade. Era isso.

19:10

A SRA. KIMIÊ : Era isso.

O SR. JOSÉ JOÃO DE OLIVEIRA : Eu concordo com o que disse o Professor Mares. Eu gostaria de falar da satisfação pelo convite para participar desta Mesa. A Professora Cecília reconheceu a legitimidade da sua participação e todos nós nos sentimos engrandecidos com a sua participação. Cabe mais uma vez - registrar a boa vontade e o interesse que o Deputado Haroldo e a Deputada Irondi quando nos prestigiaram, acolheram a proposta e se dispuseram a conciliar e a buscar uma forma ideal para uma proposta para a Constituinte estadual, de modo que contraria também o que disse o Pedro quando disse que as pessoas estão procurando discutir sem achar solução, mas a solução nasce exatamente da discussão. Ela tem que nascer aqui e muitas vezes a questão indígena não começa na área indígena e nem termina lá. Ela começa cá nos gabinetes e termina muitas vezes num conflito armado, termina num hospital, termina fora da área indígena.

Discordo também mais uma vez, quando você faz críticas a determinadas pessoas que ultrapassaram o limite das áreas indígenas para falar e buscar uma solução e é aí exatamente o caminho que buscamos. É evidente que você, como líder político deve traçar o seu rumo, mas o caminho é por aí e é por aí que nós conseguiremos resolver os grandes problemas que afetam a questão do índio, problemas que muitas vezes não começa lá, começa aqui fora e não termina lá.

Fica registrada a importância desse Encontro e da disposição da Deputada Irondi em conciliar a melhor forma - possível uma proposta para a Constituinte estadual.

Foi um grande prazer estar aqui e participar dessa discussão.

A SRA. PRESIDENTE: (IRONDI PUGLIESI): Com a palavra o Sr. Batisteli.

O SR. BATISTELI: Eu acho que indiscutivelmente a Funai não -

19:10

-2-

poderia ser diferente nesse momento, do que sempre, ao longo da História, pelo menos do tempo em que trabalho na Funai, trabalhando nessa área, essas oportunidades são raras, porque normalmente as instituições públicas são refletidas em cima do nome das pessoas, digo, em cima das instituições e não nas pessoas que lá trabalham. Eu gostaria de agradecer a oportunidade de que me deram de expressar aquilo que ao longo dos tempos nós aprendemos e agradecer também a presença das Lideranças indígenas e muitos não puderam vir em decorrência das festas pelo dia de hoje, Dia do Índio. Nós gostaríamos de ter todos aqui e eles também gostariam de estar todos aqui, mas isso não foi possível.

Gostaríamos de agradecê-los, principalmente porque deixaram a festa do dia de vocês, para vir aqui hoje e que legitimamente são referendados pelas comunidades de vocês.

Agradecemos muito a nobreza que teve a Comissão de Ordem Econômica e Social, no sentido de promover isto. A Funai está entrando com propostas nos 5 Estados e é muito raro tomar essa iniciativa no sentido de ver, além da União, Os Estados e Municípios co-participando na assistência aos povos indígenas, porque normalmente, as dificuldades maiores sobram para a Funai e é importante quando se encontra alguém com quem a gente possa se agarrar, porque às vezes não temos nem tempo para fazer política.

Agradecemos a Deputada Irondi, ampla defensora exatamente das minorias e também ao Deputado Haroldo,...